

INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS
CAMPUS OURO PRETO

SAVILLY AIMÉE TEIXEIRA BUTTROS

O CORETO DA PRAÇA CESÁRIO
ALVIM EM OURO PRETO:
ANÁLISE HISTÓRICA, ESTILÍSTICA E
CONSTRUTIVA

OURO PRETO

2017

SAVILLY AIMÉE TEIXEIRA BUTTROS

O CORETO DA PRAÇA CESÁRIO
ALVIM EM OURO PRETO:
ANÁLISE HISTÓRICA, ESTILÍSTICA E
CONSTRUTIVA

Monografia apresentada à Diretoria de Pesquisa, Graduação e Pós-graduação do Instituto Federal de Minas Gerais – Campus Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título Tecnóloga em Conservação e Restauro.

Orientador: Alexandre Mascarenhas

OURO PRETO

2017

SAVILLY AIMÉE TEIXEIRA BUTTROS

O CORETO DA PRAÇA CESÁRIO ALVIM EM OURO PRETO:
ANÁLISE HISTÓRICA, ESTILÍSTICA E CONSTRUTIVA

Trabalho de conclusão de curso submetido à banca examinadora designada pela Diretoria de Pesquisa, Graduação e Pós-graduação do Instituto Federal de Minas Gerais – Campus Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título Tecnóloga em Conservação e Restauro.

Aprovada em 25 de abril de 2017 por:

Alexandre Mascarenhas
IFMG – Campus Ouro Preto

Ney Nolasco
IFMG – Campus Ouro Preto

Alice Viana
UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto

Para a minha família, com a qual amo partilhar novos feitos.

À Ouro Preto, desde sempre acolhedora...

AGRADECIMENTOS

Dedico agradecimentos especiais a todos aqueles que ajudaram a tornar este trabalho concreto. Sobretudo, à minha família, meu alicerce, pelo apoio e incentivo.

Aos professores que muito contribuíram para a o meu crescimento pessoal e acadêmico. Entre estes, Ney Nolasco e Ana Paula.

Ao Alex Bohrer, orientador de iniciação científica, que dividiu comigo seus conhecimentos e guiou meus primeiros passos na academia.

Ao Alexandre Mascarenhas, orientador deste trabalho, pela demonstração de interesse desde a escolha do tema. Agradeço-o muito pela confiança, por todos os conselhos e pela leitura criteriosa.

Aos meus amigos, João Batisteli, Douglas Salaroli e Marina Poloni, por se dedicarem a ler meus textos e sanar dúvidas.

Ao Pedro Camargo e à Rita Cancela, grandes amigos, os quais estiveram presentes em todas as etapas deste trabalho. Desde as visitas aos coretos à elaboração do texto, só fizeram crescer meu interesse no tema.

Agradeço a todos os amigos que, mesmo indiretamente, acompanharam essa trajetória.

*“Primeiro a banda passou
Tocando coisas de amor
Depois tocaram a praça
Em rimas cheias de graça
Mas ninguém se lembrou
Do coreto da pracinha
Onde sempre tocava
A garbosa bandinha*

*O coreto iluminado
Bem em frente à Matriz
Transformava em arco-íris
As águas do chafariz
E a retreta começava
Logo após a ladainha
Com polcas, maxixes e valsas
Tocadas pela bandinha*

*Agora, só resta a lembrança
Do coreto da pracinha
Onde cantava a esperança
Quando tocava a bandinha.”*

(Altamiro Carrilho e Ribeiro Valente)

RESUMO

Os coretos são mobiliários urbanos que, além da função ornamental, apresentam grande importância social. As apresentações musicais realizadas dentro dos coretos não mais fazem parte de uma tradição viva. Sem uso específico e em situação de abandono, muitos coretos permanecem nas praças sujeitos à degradação. Como objeto de estudo principal, tem-se o coreto da Praça Cesário Alvim, localizada em Ouro Preto – MG. Propõe-se uma análise histórica, estilística e construtiva, além de uma comparação com outros quatro coretos de estética similar encontrados no Rio de Janeiro. Analisa-se também sobre os usos, os fatores de degradação e a eficácia das medidas de preservação desses bens.

Palavras chave: coretos, praças, patrimônio, preservação, conservação.

ABSTRACT

The bandstands are urban furniture that, besides the ornamental function, they present great social importance. The musical performances performed within the cabbages are no longer part of a vivid tradition. Without specific use and in situation of abandonment, many bandstands remain in the squares subject to the degradation. As main study object, we have the bandstand of Cesário Alvim Square, located in Ouro Preto - MG. We propose a historical, stylistic and constructive analysis, as well as a comparison with other four bandstands of similar esthetics found in Rio de Janeiro. We also analyze the uses, the factors of degradation and the effectiveness of measures to preserve these assets.

Keywords: bandstands, squares, patrimony, preservation, conservation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1- Coreto da Praça Cesário Alvim, Ouro Preto - MG.	13
FIGURA 2- Prancha publicada por Georges-Louis Le Rouge no século XVIII. "Les Jardins Anglo-Chinois".	16
FIGURA 3- Templo do Amor no jardim inglês em Versalhes.	17
FIGURA 4- Catálogo de artigos de jardim pré-fabricados.	18
FIGURA 5- Coreto do Jardim da Luz em São Paulo.	21
FIGURA 6- Coreto da Praça Washington Luiz no Rio de Janeiro.	21
FIGURA 7- Coreto da Praça da Liberdade em Belo Horizonte - MG.	22
FIGURA 8- Catálogo da fundição Saracen Foundry - Walter Macfarlane & Co.	22
FIGURA 9- Vista frontal do Coreto.	24
FIGURA 10- Vista de Satélite da Praça Cesário Alvim.	24
FIGURA 11- Fotografia antiga da Praça Tiradentes, posterior a 1892.	26
FIGURA 12- Coreto na Praça Tiradentes. Luiz Fontana. Datação entre 1923 e 1948.	26
FIGURA 13- Fatura do coreto na A Industrial.	27
FIGURA 14- Notas de compras para o coreto e "Jardim da Estação".	28
FIGURA 15- Nota de compras para a iluminação da praça.	29
FIGURA 16- Resumo da prestação de contas à Câmara.	29
FIGURA 17- Estação Ferroviária de Ouro Preto e Praça Cesário Alvim. Data não identificada. Notar presença do coreto.	30
FIGURA 18- Festividade na Praça Cesário Alvim. Data não identificada. Notar presença do coreto.	30
FIGURA 19- Praça Cesário Alvim. Ao fundo, a Estação Ferroviária.	33
FIGURA 20- Casas modernistas.	33
FIGURA 21- Coluna Saldanha Marinho.	34
FIGURA 22- Estação Zé de Duca vista do coreto.	34
FIGURA 23- Solar Baeta Neves.	35
FIGURA 24- Centro de Artes e Convenções da UFOP.	35
FIGURA 25- Vandalismos no coreto.	36
FIGURA 26- Coreto do Jardim do Méier.	51
FIGURA 27- Coretos do Santuário de Nossa Senhora da Penha de França.	53

FIGURA 28- Coretos da Penha antes da intervenção.	54
FIGURA 29- Coreto da Praça Barão da Taquara, ou "Praça Seca"	55
FIGURA 30- Foto antiga do Coreto da Praça Seca.	56
FIGURA 31- Coreto de Ouro Preto visto da Estação Ferroviária.	57

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Vistas do Coreto.....	39
Tabela 2- Pormenores do Coreto.	40
Tabela 3- Ornatos do Coreto.	41
Tabela 4- Comparação de dimensões.....	58
Tabela 5- Comparação de bases.....	59
Tabela 6- Comparação de esquadrias.....	60
Tabela 7- Comparação de escadas	61
Tabela 8- Comparação de pisos.	62
Tabela 9- Comparação de pilares.....	63
Tabela 10- Comparação de vestígios ou portas.	64
Tabela 11- Comparação de forros.....	65
Tabela 12- Comparação de coberturas.....	66
Tabela 13- Comparação de balaústres.	67
Tabela 14- Comparação de pinhas.....	68
Tabela 15- Comparação de ornatos circulares.	69
Tabela 16- Comparação de pinhas invertidas.	70
Tabela 17- Comparação de frisos.....	71
Tabela 18- Comparação de ornatos da cobertura.....	72

LISTA DE PRANCHAS

Prancha 1- Plantas de Localização e Implantação.	42
Prancha 2- Planta Baixa.	43
Prancha 3- Fachada Frontal.....	44
Prancha 4- Fachada Lateral Direita.....	45
Prancha 5- Fachada Posterior.....	46
Prancha 6- Fachada Lateral esquerda.....	47
Prancha 7- Plantas de Cobertura e Forro	48
Prancha 8- Corte “AA”	49

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. OS CORETOS	15
1.1. Origens e primeiras referências estéticas	15
1.2. Difusão no Brasil.....	19
1.2.1. Coretos Brasileiros	20
2. O CORETO DA PRAÇA CESÁRIO ALVIM EM OURO PRETO-MG	24
2.1. Análise Contextual	25
2.1.1. Histórico.....	25
2.1.2. Desenvolvimento da área de entorno	31
2.1.3. Aspectos Geográficos	31
2.1.4. Aspectos Arquitetônicos e Urbanísticos	32
2.1.5. Aspectos Socioculturais	36
2.2. Descrição formal e construtiva do objeto.....	36
2.3. Levantamento Fotográfico	39
2.4. Levantamento Arquitetônico.....	41
3. CORETOS DO RIO DE JANEIRO - RJ.....	50
3.1. O Coreto do Jardim do Méier.....	50
3.2. Os coretos gêmeos do Santuário de Nossa Senhora da Penha de França.....	52
3.3. O coreto da “Praça Seca”	55
4. ANÁLISE COMPARATIVA.....	57
4.1. Análise formal e construtiva: divergências arquitetônicas e materiais empregados.....	58
4.1.1. Dimensões	58
4.1.2. Base	59
4.1.3. Esquadrias	60
4.1.4. Escada	61
4.1.5. Piso.....	62
4.1.6. Pilares.....	63
4.1.7. Portas.....	64
4.1.8. Forro.....	65
4.1.9. Cobertura.....	66

4.2. Análise decorativa: elementos compositivos e ornatos	67
4.2.1. Balaústres	67
4.2.2. Pinhas	68
4.2.3. Ornatos circulares	69
4.2.4. Pinhas invertidas	70
4.2.5. Frisos	71
4.2.6. Ornatos da cobertura	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS	75

INTRODUÇÃO

Os coretos marcaram a história das praças do Brasil entre os séculos XIX e XX. São elementos urbanos com função ornamental e de grande importância social. Também conhecidos como ‘pavilhões de música’, estavam inicialmente ligados às apresentações públicas de bandas militares, filarmônicas, serestas e às festividades religiosas. Além disso, os espaços dos coretos abrigavam pronunciamentos políticos para grande número de pessoas. Tal tradição não é tão vívida nos dias atuais, contudo, muitos coretos permanecem nas praças sem uso específico. A falta de aproveitamento desses mobiliários urbanos pode ser uma das causas do mau estado de conservação em que geralmente se encontram.

Neste estudo, abordamos uma breve trajetória do uso de coretos no mundo e no Brasil. São descritos alguns materiais, modelos e estilos utilizados ao longo desse percurso. Como objeto principal temos o coreto da Praça Cesário Alvim (FIG. 1), situado em Ouro Preto, Minas Gerais. Sobre este, descrevemos seu histórico, os materiais empregados em sua estrutura e os estilos referenciados por seus ornatos. Propõe-se comparações com outros coretos similares (situados no Jardim do Meier, na Praça Seca e no Santuário de Nossa Senhora da Penha no Rio de Janeiro). É feita também uma análise sobre usos atuais e a proteção legal desses bens.



FIGURA 1- Coreto da Praça Cesário Alvim, Ouro Preto - MG.

Fonte: Savilly Buttros, 2017.

Os coretos, tão comuns no Brasil, são uma herança europeia. Portugal foi, de maneira mais intensa, uma fonte de referências culturais do século XVI ao século XIX. Enquanto colônia, absorvemos modismos em voga na metrópole, mesmo que tais modismos tenham sido inspirados em outras culturas. Na mesma condição, reinventamos as tendências a partir dos nossos próprios conceitos e materiais disponíveis. As apresentações de bandas civis e militares eram uma tradição muito forte em Portugal e, lá podem ser vistos coretos em grande parte das cidades, assim como no Brasil. Sobre a chegada desses elementos ao país, abordaremos posteriormente.

A origem dos coretos se confunde, em alguns momentos da história, com os pavilhões e quiosques de jardim. Os coretos e os pavilhões são estruturalmente similares e compartilham aplicabilidades, como a ornamentação do local e a contemplação do entorno. Porém, através de diversas transformações sociais, houve a popularização dos pavilhões, os quais tornaram-se mobiliário urbano de referência na área musical.

1. OS CORETOS

A palavra ‘coreto’ surgiu no século XIX em Portugal para denominar os já existentes ‘quiosques’ e ‘pavilhões’. Tal mudança de nome pode estar relacionada a um novo conceito de uso do objeto. A origem etimológica da palavra remete ao italiano ‘coretto’, expressão que se associa com ‘tribuna’ e ‘coro da igreja’. Outra linha de pensamento defende que o sufixo ‘eto’ quer dizer ‘pequeno’, portanto ‘pequeno coro’.

O coro da igreja é um local utilizado para apresentações musicais. A palavra ‘coro’ também remete a ‘canto’. Em francês, o coreto é chamado de ‘*kiosque à musique*’, que quer dizer em português ‘quiosque de música’. Em inglês, a palavra usada é ‘*bandstand*’, na qual ‘*band*’ significa ‘banda’ e ‘*stand*’, que neste caso, tem a ver com ‘palanque’, ‘pedestal’ ou ‘barraca’. Vemos, portanto, que a função principal dos coretos é sugerida por seus próprios nomes: a música. (CARVALHO, 2010, p. 2-6).

1.1. Origens e primeiras referências estéticas

Segundo Racabulto (2005), pavilhões cobertos e com aberturas laterais são vistos desde a história antiga no oriente. Na China, por exemplo, os grandes espaços assimetricamente ajardinados e a presença de um quiosque são parte de uma tradição. A difusão desse elemento decorativo na Europa está ligada a diversos fatores históricos.

A partir do século XI, as Cruzadas¹ - movimentos militares cristãos em direção à atual Palestina - fizeram com que os europeus tivessem contato com as múltiplas culturas do oriente. Como resultado, abriram-se rotas comerciais, como a Rota da Seda, a qual a China era exportadora. A relação comercial entre Europa e Ásia Menor (local hoje majoritariamente composto pela Turquia) cresceu de forma considerável. É justamente na região da Turquia onde se observou a adoção de quiosques para áreas de relaxamento a partir do século XV.

¹ As expedições denominadas como ‘Cruzadas’ ocorreram entre os séculos XI e XIII a fim de se expandir o cristianismo no Oriente.

No século XVIII a *chinoiserie*², evocação de elementos da cultura chinesa como motivo ornamental, era uma moda na Europa. Um fator importante na propagação do uso de pavilhões foi o jardim inglês, também chamado de ‘anglo-chinês’. Tal modelo foi levado à França no final do século XVIII. A construção dos quiosques era feita em madeira ou pedra. As composições estéticas variavam entre a inspiração tipicamente chinesa e os exemplares com referências locais. Georges-Louis Le Rouge, arquiteto francês, publicou uma série de pranchas de jardins anglo-chineses entre 1775 e 1788 num conjunto de 12 livros. Os desenhos de Le Rouge evidenciam as tendências da época e retratam diversos tipos de quiosques e pavilhões (FIG. 2).



FIGURA 2- Prancha publicada por Georges-Louis Le Rouge no século XVIII. "Les Jardins Anglo-Chinois".

Fonte: <https://www.donaldheald.com/pictures/29496-1.jpg?v=1441121804>

A construção de jardins com preocupação paisagística e ornamental em residências nobres tornou-se um costume. Na França, os pavilhões de jardim foram remodelados pela frequência de uso. Abre-se espaço para as referências arquitetônicas da Grécia Antiga, as quais sempre estiveram em vigência na história da arte do continente, porém com diferentes roupagens. Já ao longo do século XIX, as influências do Neoclássico trouxeram os pavilhões circulares com colunatas, inspirados nos antigos templos gregos e nas construções renascentistas. A função desses objetos era a contemplação do jardim e o ócio.

² A '*chinoiserie*', também conhecida como '*chinesice*' foi aplicada como motivo ornamental pictórico na Europa com motivos fantásticos que se combinavam bem ao barroco e ao rococó. O Brasil também possui tal influência advinda de Portugal.

O Templo do Amor, ou '*Temple de l'amour*' é um pavilhão erguido entre 1777 e 1778 no jardim inglês Petit Trianon do Palácio de Versalhes, na França (FIG. 3). Projetado por Richard Mique, trata-se de uma construção circular com colunas coríntias arrematadas por uma cúpula. Há uma escultura de um cupido ao centro, clara referência à mitologia grega.



FIGURA 3- Templo do Amor no jardim inglês em Versalhes.

Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/36/Temple_de_l%27Amour_%281%29.jpg

A relação dos quiosques artísticos com a música surge na popularização dos modelos de paisagísticos, sendo estes transferidos aos parques e praças públicas. A criação de novos hábitos de sociabilidade se torna consequência da Revolução Francesa (1789-1799), a qual também incentivou o sentimento de pertencimento popular ao local habitado. Através das revoluções liberais contra as monarquias, os coretos se difundiram por toda a Europa, inclusive em Portugal. Como resultado, é relatado que os coretos desta época eram móveis ou desmontáveis, pois os pronunciamentos coletivos e as festividades não eram realizados num só local. A apreciação musical de diferentes estilos passou a não estar restrita aos teatros e casas de espetáculo.

A partir do século XIX, a expansão urbana trouxe novas concepções aos espaços coletivos. O urbanismo enquanto ciência também surge nos oitocentos, após a primeira Revolução Industrial (1760-1859). Devido às habitações insalubres e vias estreitas sem saneamento, uma das vertentes buscava evitar aglomerações de edifícios, ampliar as vias e ajardinar os espaços. Os centros de grandes cidades como Paris foram remodelados. O largo ou a praça central - que já havia sido frequentemente utilizada como um marco urbanístico por muitos povos - agora torna-se um centro de vivência da cidade e é planejada para tal. A praça passou a brigar atividades acessíveis de lazer, como

apresentações musicais e falas políticas. Criou-se um espaço perfeito para a fruição entre cidade e natureza.

No campo tecnológico, ocorreram avanços na siderurgia que apontaram a segunda Revolução Industrial (1860-1959). A produção do aço³ foi uma descoberta que revolucionou o mercado do transporte. Mais resistente que o ferro, o aço foi empregado na ampliação de malhas ferroviárias. A aplicação do material permitiu vigas que vencessem grandes vãos na construção civil, viabilizando obras de extensos galpões. Ademais, através das ferrovias foi possível transportar elementos para a construção civil pré-fabricados, como escadas, pilares, gradis, ornatos e coretos. Permitiu-se o acesso a estes equipamentos nas cidades do interior com mais rapidez.

Produtos pré-fabricados poderiam ser encontrados em catálogos para encomenda (FIG. 4). Isto fez com que houvesse replicação de modelos e difusão rápida da arquitetura do ferro. Entre os países que se destacaram nesse mercado estão a Bélgica e a Alemanha. Através da ferrovia, materiais eram transportados para o interior dos continentes, inclusive para toda a América. Portanto, modernização, dessa vez, não se concentrou apenas nos grandes centros urbanos.



FIGURA 4- Catálogo de artigos de jardim pré-fabricados.

Fonte: <http://www.kiosquesdumonde.net/wordpress/wp-content/uploads/2016/01/Boivin-Delsu.jpg>

³ É uma liga metálica de ferro e carbono. Mais resistente que o ferro fundido, o carbono encontra-se em teores mais baixos que 2,11%.

1.2. Difusão no Brasil

A primeira banda musical que se tem registro no Brasil surgiu em Mariana em 1774, regida por Pedro Nolasco da Costa Ataíde. É provável que essa banda não tenha as configurações como hoje conhecidas, até mesmo porque no período colonial não eram permitidas organizações do gênero. (BATISTA, 2010).

A transferência da corte portuguesa ao Brasil em 1808 fez com que se ampliasse a produção cultural. Foi criada a Academia Real Militar e, aos poucos, foram criadas escolas e universidades. A partir de então, os estudos musicais foram facilitados. As bandas militares e filarmônicas, tradicionais em Portugal, se formaram na nova sede de governo. Considerando-se que nessa época ainda não havia sinal de rádio, a apreciação musical poderia ser feita somente ao vivo (até a invenção do gramofone em 1888).

No município de Ouro Preto, a primeira banda surgiu no distrito de Cachoeira do Campo em 1856 sob regência de Luís Tibúrcio. A banda Euterpe Cachoeirense, ainda em atividade, foi fundada por Rodrigo de Figueiredo Murta. Sobre a Euterpe, vale considerar que é proprietária de um coreto, o único de natureza privada implantado em vias públicas que se tem conhecimento na região. O coreto do século XX situa-se no largo principal do distrito, ao lado da Igreja Matriz de Nossa Senhora de Nazaré. (BATISTA, 2010).

No século XIX, principalmente sob o governo do imperador Dom Pedro II, ocorreu no Brasil uma expansão das linhas ferroviárias. Visava-se o transporte de mercadorias e pessoas entre o interior do país e o Rio de Janeiro, então capital federal. Era um período de avanços tecnológicos na siderurgia. Países europeus como Bélgica e Alemanha se destacaram como produtores e exportadores de produtos em ferro.

A ciência urbanística e as grandes reformas também chegaram ao Brasil na virada do século XIX para o século XX, ofertando novos materiais e conceitos. A Proclamação da República em 1889, marcando o fim do Império, foi um incentivo à mudança visual. Ocorreram grandes reformas nos grandes centros, como foi empreendido pelo prefeito Pereira Passos no Rio de Janeiro, alargando-se as vias. Os cortiços que existiam no centro da cidade foram destruídos e seus habitantes, a maioria pretos e pobres, forçadamente se dirigiram às periferias. As praças eram apreciadas como espaços de convívio social. O ajardinamento dos espaços reflete a sensação de domínio do homem sobre a natureza, com canteiros demarcados formando desenhos e ornamentais. O coreto

fazia parte desse cenário romântico, assim como as bandas musicais, indispensáveis em festividades.

O movimento do Eclétismo estava em voga no período. No Brasil, de meados do século XIX ao XX, é possível observar tais tendências. As tipologias arquitetônicas para residências já transpunham novas concepções, como os afastamentos laterais e frontais no terreno do edifício para facilitar a ventilação (evitando-se construções geminadas). Sobre as referências estéticas, houve retomada e mistura de elementos de diversos estilos. Os chamados “*neo*”, que do grego quer dizer ‘novo’, descreviam novas abordagens de estilos já existentes. Era comum que se adotasse o estilo neoclássico para edifícios públicos, o neogótico para a construção de igrejas (em referência às emblemáticas catedrais góticas que estavam sendo revalorizadas na Europa) e o neomourisco para palacetes e até coretos.

Em 1922, o sinal de rádio chega ao Brasil, mas a difusão do aparelho em todas as classes sociais demorou alguns anos. Ainda assim, as apresentações musicais em praças eram uma oportunidade de ser ver e ouvir pessoalmente os músicos. A atividade era uma das formas mais comuns de convívio social. O papel dos coretos era fundamental, pois sua base elevada auxiliava na visibilidade dos músicos pelo público. A praça que possuísse tal mobiliário tornava-se mais agradável e receptiva para o entretenimento da população.

1.2.1. Coretos Brasileiros

O Jardim da Luz, parque mais antigo de São Paulo, foi originalmente projetado como uma área de cultivo botânico em 1800 por ordem real. A primeira área verde da cidade tornou-se pública em 1825, possibilitando que os paulistanos utilizassem a área para o lazer. O primeiro coreto do jardim foi construído em 1880 e o segundo em 1911, projetado pelo professor da Escola Politécnica, Maximilian Hehl. Desde a instalação da estação ferroviária no interior do jardim em 1860, até meados do século XX, o local sofreu com degradações. Houve recuperação do Jardim da Luz e do coreto, após um minucioso estudo arqueológico no local, no final da década de 1990 (FIG. 5). Entre as características deste coreto, ressaltamos a base de alvenaria, os pilares metálicos e a cobertura em forma de cúpula, também em estrutura de metal. (LESSA, 2014).



FIGURA 5- Coreto do Jardim da Luz em São Paulo.

Fonte: <http://www3.al.sp.gov.br/repositorio/noticia/04-2011/luz5.jpg>

O Rio de Janeiro recebeu seu primeiro coreto em 1903, tendo sido instalado na Praça XV de Novembro (FIG. 6). Na época, gestão do prefeito Pereira Passos (1902 a 1906), ocorreram muitas reformas na cidade, incluindo a implantação de coretos. Em 1949, o mesmo coreto foi transportado à Praça Washington Luiz, em Sepetiba, para a inauguração da luz elétrica no bairro. O evento solene foi realizado no coreto com a presença do então prefeito, Ângelo Mendes de Moraes, o governador do estado e secretários. Este coreto também possui base de alvenaria e pilares e cobertura em metal. O coreto é tombado individualmente pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico do Rio de Janeiro (INEPAC) desde 1985.



FIGURA 6- Coreto da Praça Washington Luiz no Rio de Janeiro.

Fonte: https://ogimg.infoglobo.com.br/in/13785534-297-538/FT1086A/420/2014-745984623-2014082616202.jpg_20140826.jpg.

O coreto da Praça da Liberdade, em Belo Horizonte, foi projetado em 1904 por Edgard Nascentes Coelho (FIG. 7). Nele foram promovidas várias retretas promovidas pela Banda Musical do 1º Batalhão da Brigada Policial de Minas Gerais. Este possui base em alvenaria e pilares e cobertura metálicos, assim como outros coretos aqui explorados. O coreto é tombado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA, 2011). Um coreto do mesmo formato foi identificado em catálogo da fundição escocesa Saracen Foundry - Walter Macfarlane & Co, a qual vendia diversos modelos pré-fabricados no século XIX (FIG. 8). Nota-se semelhança no formato da cobertura com cúpula (terceiro coreto na vertical, à esquerda da figura).



FIGURA 7- Coreto da Praça da Liberdade em Belo Horizonte - MG.

Fonte: <http://i1.trekearth.com/photos/40101/liberdade.jpg>.

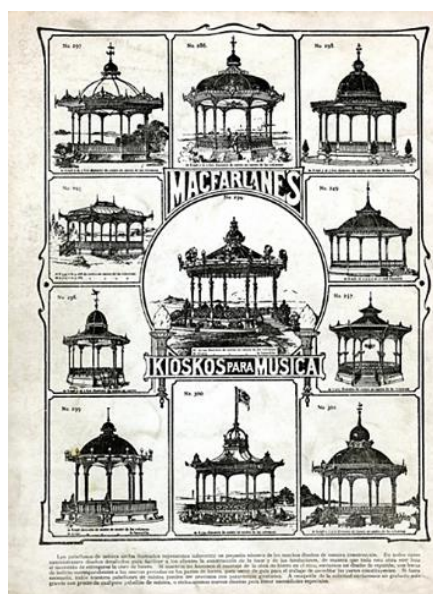


FIGURA 8- Catálogo da fundição Saracen Foundry - Walter Macfarlane & Co.

Fonte: SOARES, 2009.

Devido à importância social e arquitetônica, o INEPAC promoveu o tombamento de quatorze coretos do estado do Rio de Janeiro em 1985. Ao mesmo tempo, a Fundação Rio, com apoio do INEPAC, empreendeu um projeto chamado “Balançando o Coreto”. Buscou-se uma iniciativa para que o tombamento não fosse a única medida protetiva e, conseqüentemente, uma forma de incluir a comunidade nesse processo. Foram promovidas festas nas praças com apresentações musicais com o intuito de reavivar o vínculo da população com esses mobiliários urbanos. Entre os coretos escolhidos estão o do Jardim do Méier e o da Praça Seca, os quais serão posteriormente abordados neste estudo (INEPAC, 1985).

2. O CORETO DA PRAÇA CESÁRIO ALVIM EM OURO PRETO-MG

O coreto encontra-se na Praça Cesário Alvim, Bairro Pilar, em frente à Estação Ferroviária de Ouro Preto. O objeto faz parte do entorno imediato do Conjunto Arquitetônico e urbanístico tombado de Ouro Preto, que está situado em uma das partes mais baixas da cidade. Há quatro vias de grande circulação: Rua Diogo de Vasconcelos (mão dupla), Rua Vitorino Dias (mão única, sentido centro), Rua Dr. Pacífico Homem (mão dupla, no pé do Morro da Forca) e Rua dos Inconfidentes (mão dupla), que leva até a Barra. A área, divisa entre os bairros Pilar e Barra, abrange os principais trajetos entre o centro de Ouro Preto e o Bairro Bauxita, onde estão situados a Universidade Federal de Ouro Preto e o Instituto Federal de Minas Gerais. (IPAC, 2010).



FIGURA 9- Vista frontal do Coreto.

Fonte: Savilly Buttros, 2017.

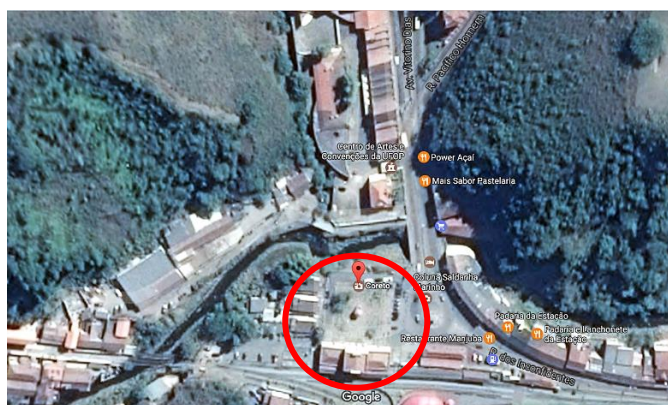


FIGURA 10- Vista de Satélite da Praça Cesário Alvim.

Fonte: Google Maps, 2017.

2.1. Análise Contextual

2.1.1. Histórico

A história da Praça Cesário Alvim está ligada à Estação Ferroviária de Ouro Preto. A Estrada de Ferro Pedro II possibilitou o acesso do Rio de Janeiro à Ouro Preto, então capital da província de Minas Gerais. A inauguração da estação ferroviária aconteceu em 22 de dezembro de 1887, segundo Cabral (1969). O autor relata que para a construção do edifício foi necessário drenar a Lagoa do Funil, a qual era abastecida pelo Ribeirão do Funil e, fazer rasgos nas montanhas para fazer passar a estrada de ferro. A lagoa era local frequentado para contemplação e piqueniques. Apesar do descontentamento de partes da população pelas modificações na paisagem, os ouro-pretanos promoveram festividades. Pessoas se colocaram próximas ao edifício (na atual Praça Cesário Alvim) e também no Morro da Forca e na estrada de Saramenha, locais de vista privilegiada para a chegada do trem. Havia uma banda na plataforma da estação, à espera da locomotiva.

No ano seguinte, no dia 22 de julho, o ramal foi inaugurado pelo Imperador, Dom Pedro II, sua família e outros membros da corte. Na época, Ouro Preto já possuía luz elétrica, o que possibilitou uma decoração iluminada nos principais edifícios e praças da cidade. Durante a festividade:

A cidade encheu-se de hóspedes, ficando extraordinariamente movimentada, verdadeiramente festiva. No jardim da praça e na Rua São José, a de maior movimento, foram armados coretos e postadas bandas de música (CABRAL, 1969, p. 120).

Através da citação, pressupõe-se que na cidade ainda não havia coretos fixos. Em foto antiga (FIG. 11), posterior a 1892 (devido à presença do monumento a Tiradentes), é possível notar a um quiosque ou coreto na Praça Tiradentes. Em fotografia feita por Luiz Fontana na primeira metade do século XX, nota-se outro coreto em local similar (FIG. 12) Atualmente não há esse tipo de mobiliário no local.

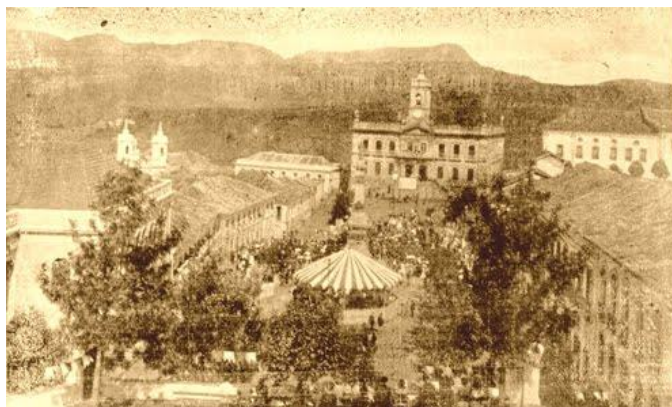


FIGURA 11- Fotografia antiga da Praça Tiradentes, posterior a 1892.

Fonte: https://lh3.googleusercontent.com/_hEg3OhIJ-oYv7uLQm4rf5J6IwLuqo1isKnA8ZvD8oiSfbTnUbm117-poxiLpBXft1Jy1zaa_t_zlA=w369-h220-rw



FIGURA 12- Coreto na Praça Tiradentes. Luiz Fontana. Datação entre 1923 e 1948.

Fonte: <https://lh3.googleusercontent.com/NbnVzGtKw6FwMirLw-L4pY9rMpZnsCt8NHvkPdOxaxkxncuWa5ZFNZnBYk3KYHNSxiA1WFv74QvXQ=w350-h220-rw>

O ‘*Largo da Estação da Estrada de Ferro Central*’ passou a se chamar ‘*Largo Cezário Alvim*’⁴ em 1898. O coreto, objeto principal deste estudo, foi implantado na praça em frente à estação ferroviária no ano de 1925. Nos documentos disponibilizados pelo Arquivo Público Municipal de Ouro Preto, a primeira referência sobre o coreto está ligada ao nome do vereador Antônio José Neto no dia 20 de Janeiro de 1925:

“A Câmara Municipal de Ouro Preto indica que fica o presidente e Agente Executivo autorizado a auxiliar o Engenheiro Residente do ramal de Ouro Preto no aformoseamento da Praça Cesário Alvim, até a quantia de cinco contos de réis”. (Arquivo Público Municipal de Ouro Preto).

⁴ Cesário Alvim foi um advogado, economista e político mineiro, nascido no Vale do Piranga em 1839. Esteve no cargo de governador de Minas Gerais, nomeado por Deodoro Fonseca após a Proclamação da República (GONÇALVES, 2002).

O então presidente da Câmara, Dr. João Batista Ferreira Velloso, expediu em 23 de janeiro do mesmo ano a resolução n.º. 175, oficializando o começo das obras. Em 25 de abril de 1925, a calçada da praça estaria pronta, assim como a base do coreto. O documento revela que o engenheiro residente, Tertuliano Antônio da Fonseca Lessa, fez à Câmara o débito de 1:600\$000 (um conto e seiscentos mil réis) com o oficial operário, Fortunato Ferreira.

Em 23 de maio, Tertuliano encomendou “1 coreto feito de madeira de lei, conforme croquis apresentado (sic.), com as respectivas colunas e vasos”, a *Industrial – Grande Serraria, Marcenaria e Oficina de Carpintaria Movida a Eletricidade*, da capital Belo Horizonte, no valor de 1:700\$000, pagos no dia 26 de junho (FIG. 13). A autoria dos croquis para a fabricação do coreto não é citada na documentação, sabe-se apenas que foi um pedido de Fonseca Lessa. Ainda em maio, no dia 28, foi pago o frete no valor de 55\$700 (cinquenta e cinco mil e setecentos réis) para que os materiais fossem transportados até Ouro Preto.

N. 110	L. F. CENTRAL DO BRASIL	PRIMEIRA VIA
Recibo de fretes de despachos — A pagar		QUANTIA RECEBIDA
O Sr. <i>Tertuliano Lessa</i> destinatário do despacho de nº 129 de 23 de maio de 1925 procedente de de <i>Os Moinhos</i> constante de 65 volumes pesando 1413 kilos, pagou a quantia de rs.		Frete do Central 34 20 » de T. Matias 1 50 Domicílio..... Total..... Imposto..... Total geral..... 55 700
Estação de <i>Os Moinhos</i> , em 28 de 5 de 1925 O Agente, <i>Junca</i>		TALÃO 11183
<i>V. B. J. Velloso</i>		<i>Doc. nº 3</i>
A INDUSTRIAL GRANDE SERRARIA, MARCENARIA E OFFICINA DE CARPINTARIA MOVIDA A ELE- TRICIDADE MADEIRAS E MATERIAES PARA CONSTRUÇÃO GARCIA DE PAIVA & PINTO CONSTRUTORES Endereço Telegraphico "INDUSTRIAL" TELEPHONE, 611 809, AVENIDA TOCANTINS, 809 BELLO HORIZONTE		<i>Bello Horizonte, 23 de Maio de 1925</i> <i>Factura dos artigos</i> <i>N.º 129 de João Velloso</i> <i>abaixo mencionados vendidos ao Almo. Sr.</i> Dr. Tertuliano Augusto da Fonseca Lessa Ouro Preto
Nº 910- fls. 488		
Pagavel em 6 de Junho de 1925		
1 coreto feito de madeiras de lei, con- forme croquis apresentado, com as res- pectivas columnas e vasos		1:700\$000

FIGURA 13- Fatura do coreto na A Industrial.

Fonte: Arquivo Público Municipal de Ouro Preto.

Em nota da *Casa da Persiana Remigio Leal*, aparece em nome de Tertuliano a encomenda de 2 dúzias de tábuas “para a construção de bancos e estantes do coreto do jardim” em 2 de junho de 1925 (FIG. 14). O engenheiro debitou à Câmara, de acordo com nota do dia 18 de junho, uma quantia de 300\$000 por “serviços de mão-de-obra executados, em horas fora das regulamentares, para armar, cobrir e pintar o ‘CORETO’ e confecção do banco e estantes para o mesmo e dos bancos para o ‘JARDIM’”. Também é abordada a compra de materiais para outros mobiliários da praça, como taboas para bancos e iluminação.

Da loja *João Péret*, no dia 25 de junho, há nota de materiais de acabamento para o “coreto e jardim da Estação” (FIG. 14). Entre os materiais comprados estão: fechadura, torneiras, canos, lixas, verniz, aguarrás, óleo de linhaça, gesso, metros de ferro chato (provavelmente para a cobertura do coreto), entre outros. O fator que chama atenção no documento são as cores de pigmentos comprados: vermelhão (alaranjado forte), roxo-rei (produz vermelho escuro), verde Londres e “*jalde chromo*” (amarelo). Tais cores não correspondem às cores vistas na praça e no coreto atualmente.

CASA PERSIANA Remigio Leal
 Móveis, Colchões, Quadros, Fazendas, Brinç, Casimiras, ETC.
 Rua Diogo de Vasconcellos--Ouro Preto
 Filial em ITABIRITO

João Péret
 RUA TIRADENTES, 19
 FERRAGENS, FINAS, METAES, CUTELARIA, E ARMAS
 MATERIAES PARA LAVOURA, INDUSTRIA, MINERAÇÃO E ARTES
 FACTURA N. das seguintes mercadorias enviadas por conta e risco do S.º Sr. DR. TERTULIANO DA PONSECA LESSA (Para o coreto e jardim da Estação)
 Ouro Preto, 25 de Junho de 1925.

Mês	Data	Descrição	Valor
1925			
Fevereiro	5	1 Fechadura	35000
	15	15 Metros de cano de borracha, a 20000	1200000
	19	3 Torneiras de pressão de 3/4, a 150000	450000
	19	Despesas de embarque	110000
	22	3 Metros de cano de chumbo de 5/8 a 6 kilos a 30	120000
	27	25 Kilos de óleo de Linhaça a 50000	1250000
		25 Ditos de alvalade a 28000	700000
		3 Galões de verniz a 20000	600000
		10 Folhas de lixa a 1000	100000
		5 Kilos de gesso a 8000	400000
		1 Kilo de secante	20000
		5 Kilos de água-rag Fratts, a 70000	350000
		2 Ditos de vermelhão a 7000	140000
		2 Ditos de roxo-rei a 8000	160000
		2 Ditos de verde Londres a 35000	700000
		2 Ditos de jalde chromo a 35000	700000
		2 Faxes de dobradiças de 4" a 20000	400000
Junho	3	1 Fecho com cadeado	50000
	9	2 Grosas de parafusos de 3/8 x 4" a 25000	500000
		50 Metros de ferro chato de 7/8 x 3/16 a 20 Ka. a 180	9000000
		100 Ditos de ferro chato de 1/8 x 3/16 a 64 kilos	1210000
		Despesas de embarque de ferro	120000
	10	1 Grossa de parafusos de 1 3/4 x 6	60000
		1/2 Kilo de terra de Sienne sus, franceza	20000
		1 Vidro de verniz Pating	150000
	12	5 Folhas de lixa a 1000	50000
			SOMMA 7500000

FIGURA 14- Notas de compras para o coreto e "Jardim da Estação".

Fonte: Arquivo Público Municipal de Ouro Preto.

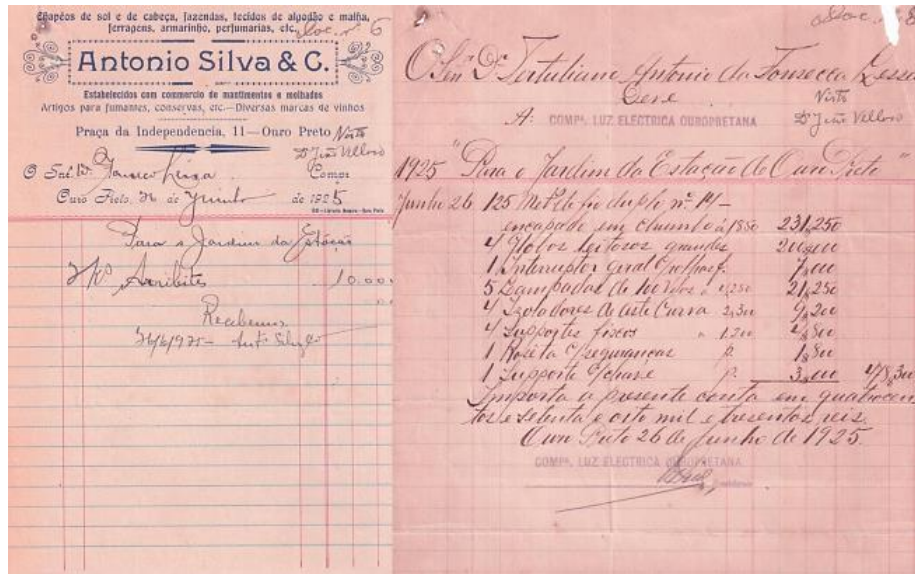


FIGURA 15- Nota de compras para a iluminação da praça.

Fonte: Arquivo Público Municipal de Ouro Preto.

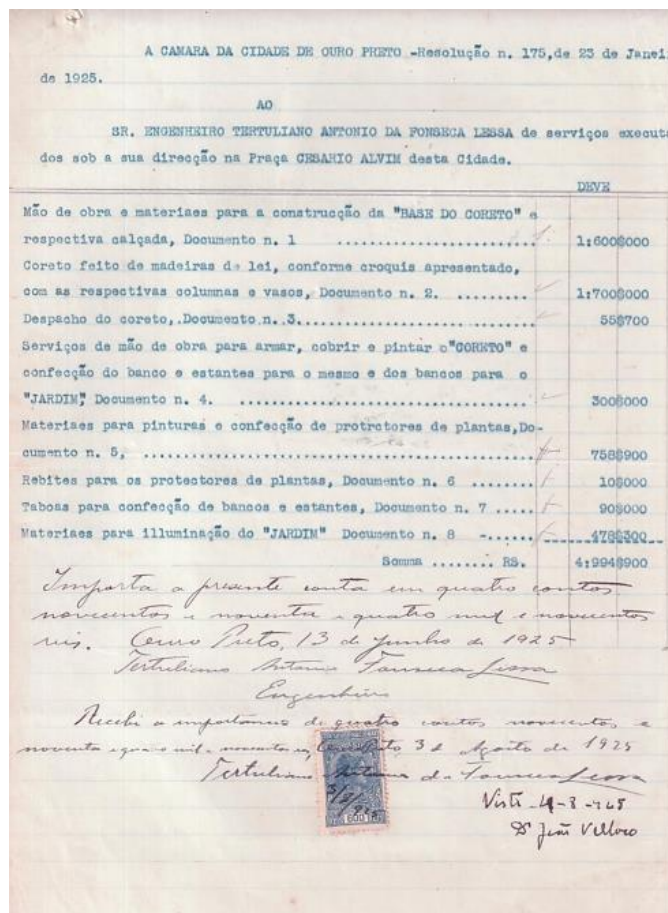


FIGURA 16- Resumo da prestação de contas à Câmara.

Fonte: Arquivo Público Municipal de Ouro Preto.

Observa-se que a praça foi reformada para receber o coreto. Houve mudança na pavimentação, instalação de bancos e iluminação (adquirida na *Companhia de Luz Elétrica Ouropretana*). Nos documentos analisados, a Praça Cesário Alvim foi popularmente referida diversas vezes como ‘Jardim da Estação’ (FIG. 16).

A partir do histórico do coreto da Praça Cesário Alvim, pode-se considerar que este foi implantado para funções decorativas. A iniciativa previa o “aformoseamento” do local, sem a presença necessária de bandas. Os visitantes que utilizavam a linha férrea, célebres ou não, tinham a praça como a primeira visão. O local também foi utilizado para festividades (FIG. 18).



FIGURA 17- Estação Ferroviária de Ouro Preto e Praça Cesário Alvim. Data não identificada. Notar presença do coreto.

Fonte: <https://picasaweb.google.com/106488202321315414440/OuroPretoAntigas>.



FIGURA 18- Festividade na Praça Cesário Alvim. Data não identificada. Notar presença do coreto.

Fonte: <https://picasaweb.google.com/106488202321315414440/OuroPretoAntigas>.

2.1.2. Desenvolvimento da área de entorno

O objeto aqui estudado encontra-se no bairro Pilar, na divisa com o bairro Barra, como anteriormente mencionado. O Pilar foi um dos primeiros arraiais na formação de Vila Rica, atual Ouro Preto. Além da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar, havia a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, no bairro Antônio Dias. A Barra já foi ‘Barra do Antônio Dias’, pertencente ao mesmo bairro. Portanto, a região do Funil é um ponto de convergência entre os dois antigos arraiais, que não fosse a Praça da Independência, atual Praça Tiradentes.

A implantação da Estação Ferroviária contribuiu para o desenvolvimento urbano e arquitetônico da região e também acarretou na construção de novos edifícios em seu entorno. O atual prédio da reitoria da UFOP já serviu de moradia para o Engenheiro da Estrada de Ferro em Ouro Preto. Outras edificações foram construídas para ser residência de funcionários da ferrovia, como a casa em que atualmente funciona a Escola Infantil Pequeno Mundo, em estilo eclético. Consequentemente, ampliou-se o comércio no local, assim como o número de casas de novos comerciantes e operários.

Com o passar do tempo, o bairro vizinho nomeado Bauxita se desenvolveu, pois neste se encontra o principal campus da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e o Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG), anterior Escola Técnica. A antiga Usina Alcan também contribuiu crescimento da área que servia de trajeto aos trabalhadores.

2.1.3. Aspectos Geográficos

A cidade de Ouro Preto apresenta clima tropical de altitude. Os verões são suaves e os invernos possuem baixas temperaturas e elevada umidade relativa do ar (UR). A temperatura média anual é 18,5°C. A pluviosidade alcança altos índices, principalmente entre outubro e março, meses que concentram 87% da precipitação anual. O grande volume de chuvas está associado à altitude elevada, com uma média de 1.610,1mm por ano.

Observa-se, portanto, que o coreto está exposto a altos índices pluviométricos e elevada UR, os quais agriem sua camada pictórica e abrasam sua superfície. A água também propicia ataques biológicos, desde as bactérias, fungos, líquens e musgos à vegetação de pequeno porte.

A sede do município de Ouro Preto encontra-se em um vale, o qual se limita a norte com a Serra de Ouro Preto e a sul com a Serra do Itacolomi. A geomorfologia possui diversos níveis, que variam entre 800 e 1500m de altitude. A área urbana apresenta declividade, ladeiras íngremes e vales profundos. (CASTRO, 2006)

A região caracteriza um ecótono, ou seja, área de transição e convergência de biomas. Na vegetação, é possível encontrar espécies características do cerrado, da mata atlântica e matas de araucária. Existem áreas de campos limpos com vegetação herbácea e outros locais com arbustos e árvores de grande porte. (PEDREIRA, 2011). Entretanto, no entorno imediato da praça, é vista a arborização de seus canteiros, nos quais predominam-se gramíneas, com poucos arbustos e arbóreas.

Há incidência de luz solar na Praça Cesário Alvim durante todo o ano. O nascente está a leste do coreto e o poente a oeste. O rio do Funil tem seu curso à frente da praça. É possível observar montanhas íngremes que circundam a área, como o Morro do Cruzeiro a sul da praça, o Morro da forca a nordeste. Portanto, o coreto encontra-se suscetível a todas as adversidades climáticas características da cidade.

2.1.4. Aspectos Arquitetônicos e Urbanísticos

O traçado viário ao redor da praça é orgânico, com ramificações para o Bairro Pilar e Barra como já descrito. Predominam construções em estilo colonial e eclético, dos séculos XIX e XX. Na área encontram-se edificações de fim comercial, como hotéis, restaurantes, padarias, lanchonetes e açougues. Algumas residências são geminadas, tanto na Barra quanto no Pilar. No que se refere aos telhados, geralmente são de duas águas e com cumeeira no sentido paralelo à rua e, quase sempre são de telhas cerâmicas. Quanto ao revestimento das alvenarias das casas, é de tom claro e as esquadrias de tons variados. Normalmente, as residências são de um a dois pavimentos.

O edifício da Estação Ferroviária (FIG. 19), inaugurado em 1887, possui três volumes retangulares, sendo o do meio o mais alto. Houve revitalização no prédio em 2006 e, atualmente, funciona como museu e plataforma de embarque turístico. Dentro das dependências da estação há um chafariz, a Tenda Cultural, a Ponte da Estação, a casa do antigo Escritório Central da Estrada de Ferro com tendências modernistas, entre outros bens.



FIGURA 19- Praça Cesário Alvim. Ao fundo, a Estação Ferroviária.

Fonte: Savilly Buttros, 2017.

Delimitam-se, a oeste da praça, três casas da década de 50 (FIG.20). Estas são de referências modernistas com muros baixos, afastamentos frontais e laterais. As três apresentam fachadas idênticas com alpendre, típicas de vilas fabris. As edificações inicialmente pertenciam à Estação Ferroviária (IPAC, 2010).



FIGURA 20- Casas modernistas.

Fonte: Savilly Buttros, 2017.

A Coluna Saldanha Marinho (FIG. 21), datada de 1867, leva o nome do então presidente da província de Minas Gerais. Foi o primeiro monumento dedicado aos Inconfidentes de 1789, implantada na Praça da Independência (atual Praça Tiradentes). O monumento foi substituído em 1894 pela atual homenagem a Tiradentes. A Coluna

transferida para a Casa Gonzaga em Ouro Preto foi posteriormente enviada a Belo Horizonte, porém permaneceu durante quarenta anos em depósito. Em seguida, esteve na Praça Amadeu Barbosa em Ouro Preto, mas a vegetação impedia sua visibilidade. A instalação da Coluna Saldanha Marinho e da rotatória em frente à Praça Cesário Alvim foram feitas em 2008.



FIGURA 21- Coluna Saldanha Marinho.

Fonte: Savilly Buttros, 2017.

A Estação “Zé de Duca” (FIG. 22), ao lado da antiga Estação Ferroviária, foi inaugurada em 2010. O antigo posto de gasolina desativado tornou-se parada de ônibus de grande parte das linhas da cidade. Nela há, sanitários, lanchonete e lixeiras e assentos.



FIGURA 22- Estação Zé de Duca vista do coreto.

Fonte: Savilly Buttros, 2017.

O Solar Baeta Neves (FIG. 23), casarão eclético, foi finalizado em 1902 e passou por restaurações em 2010 e 2016. O edifício possui não possui afastamento frontal e apresenta simetria vertical de janelas, característica recorrente no período colonial. Porém, a ornamentação com relevos sugere o estilo eclético. A edificação que já abrigou repartições públicas está sendo adaptada para uma futura farmácia popular.



FIGURA 23- Solar Baeta Neves.

Fonte: Savilly Buttros, 2017.

O Centro de Artes Convenções da UFOP (FIG. 24), antigo Parque Metalúrgico Augusto Barbosa, abriga vários edifícios. As primeiras construções são de meados do século XX, entre elas o bloco B, em estilo eclético. As novas instalações foram inauguradas em 2001, incluindo auditórios, teatro e espaços de exposições.



FIGURA 24- Centro de Artes e Convenções da UFOP.

Fonte: Savilly Buttros, 2017.

2.1.5. Aspectos Socioculturais

Não há muitos eventos culturais no entorno do complexo ferroviário. A festividade mais importante que acontece é a procissão de Corpus Christi, quando são produzidos os tapetes de serragem e o coreto é usado como ponto de bênçãos com a presença do Santíssimo Sacramento. Há também no local, por vezes, feira de adoção de cães e venda de obras de artistas de rua. O ‘Trem da Vale – Ouro Preto e Mariana’ é uma atividade turística que mantém ativa a Estação Ferroviária. O trajeto até Mariana dura cerca de uma hora e é feito nas sextas, sábados, domingos e feriados.

É possível observar diversos incidentes de vandalismo no coreto, como perda de peças, pichações, ocupação do porão, entre outros. Fatores agravantes podem ser a falta de iluminação e vigilância durante horários de pouco movimento (FIG.25).



FIGURA 25- Vandalismos no coreto.

Fonte: Savilly Buttros, 2016.

2.2. Descrição formal e construtiva do objeto

A pavimentação da praça é feita em lajotas de quartzito. O coreto está rodeado por quatro canteiros pseudo-triangulares que, juntos, formam um círculo central. Os canteiros apresentam vegetação rasteira, arbustiva e arbórea. A praça possui seis bancos, sendo dois de ferro e cimento e quatro de madeira pintados de branco. Além disso,

observam-se um poste de concreto e quatro lanternas de metal com desenho inspirado nos originais típicos da virada dos séculos XIX e XX.

O coreto possui formato hexagonal irregular. A medida da largura das faces frontal e posterior é 2,40 metros e das faces laterais, 2,70 metros. Sua altura total, da base ao pináculo, alcança aproximadamente 6,40 metros.

A base, em alvenaria, está elevada a oitenta e seis (86) centímetros em relação ao nível do terreno onde foi implantado, formando um porão. Alargando-se progressivamente em direção ao chão, apresenta efeito de base inclinada. Possui marcas na argamassa numa imitação de pedra e também acabamento ressaltado nos vértices pintados em cinza.

Há uma porta de acesso ao porão - de 74x63 centímetros - na fachada lateral esquerda. Existem duas janelas com grade entrelaçada que medem 23x42 centímetros, nas laterais direita e esquerda. O acesso ao coreto é realizado por meio de escada de cinco degraus, sem corrimão. O piso é argamassado e pintado em cinza com bordas salientes em cornija.

Há seis "pilaretes" não alongados, confeccionados em madeira, um em cada vértice medindo 1,02 metro de altura, pouco mais altos que o guarda corpo, de 97 cm, também executados em madeira e pintados na cor azul. O guarda-corpo é preenchido com madeira cortada à moda de balaústres que possuem pontas triangulares, as quais atravessam a madeira inferior do guarda-corpo, na cor branca. Há doze pilares, dois em cada face do coreto, que possuem 3,25 metros de altura e, apresentam, em sua parte superior uma espécie de capitel na cor marrom.

Sobre cada pilar, em ambos os lados, observamos ornamentação geométrica – círculo cortado – que lembram arabesco e receberam pintura na cor bege. No vértice da cobertura, no mesmo sentido dos pilaretes, encontramos pinhas invertidas. Junto ao forro, em uma espécie de friso, percebe-se novamente ornamentação geométrica que se assemelham a uma renda ou arabesco – círculos concêntricos recortados na madeira.

O forro é plano, feito em tabuado de madeira em forma de teia pintado de branco e, ao centro, apresenta lampião de iluminação pendente. O beiral possui 30 cm, com lambrequim em forma de triângulo pintado na cor azul. A cobertura do coreto é feita com finas chapas metálicas que lembram escamas num tom de marrom avermelhado. O arremate central acontece com pináculo em madeira e acabamento pontiagudo.

Deste pináculo, saem seis elementos sobre a cumeeira de cada água do telhado em metal recortado e vazado com motivos florais estilizados. Nas extremidades de cada

espigão, observam-se ornatos em metal em forma de coroa com formas curvas. Todas essas características podem ser observadas de forma detalhada nos levantamentos fotográfico e arquitetônico que virão a seguir.

2.3. Levantamento Fotográfico

Tabela 1- Vistas do Coreto.

Vista Frontal	Vista Lateral Direita
 A photograph showing the front view of a blue metal gazebo with a tiled roof and a decorative railing. The gazebo is situated on a paved area in front of a building with arched windows.	 A photograph showing the right side view of the gazebo, highlighting its octagonal structure and the tiled roof. The gazebo is set on a paved plaza with a building and trees in the background.
Vista Posterior	Vista Lateral Esquerda
 A photograph showing the back view of the gazebo, emphasizing the tiled roof and the decorative railing. The gazebo is located in an open area with trees and buildings in the background.	 A photograph showing the left side view of the gazebo, showing its octagonal shape and the tiled roof. The gazebo is situated on a paved area with a building and trees visible in the background.

Tabela 2- Pormenores do Coreto.

Base	Esquadrias
	
Pilaretes	Pilares
	
Forro	Cobertura
	

Tabela 3- Ornatos do Coreto.

Balaústres	Pinha
	
Pinha invertida	Capitel, ornatos circulares e frisos
	
Lambreuim e ornato em coroa	Pináculo
	

2.4. Levantamento Arquitetônico

Prancha 1

Prancha 2

Prancha 3

Prancha 4

Prancha 5

Prancha 6

Prancha 7

Prancha 8

3. CORETOS DO RIO DE JANEIRO - RJ

Imagens do coreto da Praça Cesário Alvim, quando pesquisadas em sites de busca na internet, aparecem numa mesma página com outros coretos. Quatro coretos muito similares ao de Ouro Preto foram encontrados, em termos de morfologia e materiais. A partir da pesquisa de cada um desses mobiliários, verificou-se que os quatro encontram-se na cidade do Rio de Janeiro.

O primeiro deles é o coreto do Jardim do Méier, datado de 1919. Tal modelo foi replicado no Largo dos Romeiros do Santuário de Nossa Senhora da Penha em dois coretos idênticos (gêmeos), com poucas alterações estéticas em relação ao do Méier. Posteriormente, a Praça do Barão da Taquara (“Praça Seca”) ganhou o mesmo tipo de mobiliário, tendo sido transferido para a praça 11 de Junho, ao final de 1928. O coreto do Méier é identificado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC) como referência ao coreto da Praça Seca.

A inspiração compositiva do coreto de Ouro Preto é provavelmente oriunda do Rio de Janeiro. Considera-se, para corroborar essa hipótese, a semelhança morfológica entre os exemplares citados e suas datas, sendo o coreto mineiro posterior. Vale ressaltar também que o coreto do Méier encontra-se em um complexo ferroviário, assim como o de Ouro Preto. Em 1925, a cidade do Rio de Janeiro já estava conectada a Ouro Preto pela ferrovia há mais de trinta anos.

3.1. O Coreto do Jardim do Méier

O Méier, bairro da zona norte do Rio de Janeiro, era compreendido como “área rural” no início do século XX. A implantação da ferrovia no final do século XIX levou desenvolvimento ao subúrbio. O projeto de instalação do Jardim do Méier foi um pedido da população da região à prefeitura. Tratava-se de um grande terreno sem uso específico em meio a um considerável fluxo de pessoas. O projeto paisagístico foi realizado pela antiga *Inspetoria de Mattas e Jardins da Prefeitura* em 1916, porém o jardim só foi inaugurado em 1919, na gestão do prefeito Paulo de Frontin. O coreto foi construído em 1919, em madeira de peroba do campo. No livro “*Méier e Engenho de Dentro*”, na série

de bairros do Rio de Janeiro da editora Fraiha (2009), o projeto do coreto está associado ao nome de Pedro Fernandes Vianna da Silva, engenheiro.



FIGURA 26- Coreto do Jardim do Méier.

Fonte: Savilly Buttros, 2016.

O coreto encontra-se em praça ajardinada, localizado na sua extremidade esquerda. A pavimentação é em calçada portuguesa com padrão circular em preto e branco ao redor do coreto. Com formato hexagonal, a medida média de cada um dos seus lados é 3,25 metros. Sua altura total, da base ao pináculo, é de aproximadamente 9 metros.

A base é em alvenaria, elevada 1,37m em relação ao solo formando um “porão alto”. Esta também possui ornamentação linear em estuque nos vértices pintada em cinza, e seis aberturas: uma portinhola de 1,31x1,25 metros na fachada lateral direita. Nas outras faces, cinco janelas de 51x25 centímetros com grade entrelaçada em metal. O acesso ao coreto é realizado por meio de escada de oito degraus, sem corrimão. O piso do coreto é argamassado, pintado na cor vermelha e com bordas salientes em cornija.

Da mesma forma do coreto de Ouro Preto, observam-se seis pilaretes não alongados, um em cada vértice medindo aproximadamente um metro de altura, pouco mais alto que o guarda corpo, de 81cm, em madeira recortada, à moda dos balaústres, e pintado na cor azul.

A estrutura deste elemento urbano está composta por doze pilares, dois em cada face do coreto, que totalizam em 3,05 metros, também em madeira e pintados de

azul. Estes pilares possuem, em sua porção superior uma espécie de capitel estilizado na cor azul.

Sobre cada pilar, em ambos os lados, observamos ornamentação geométrica – círculo cortado – que lembram arabesco e receberam pintura na cor branca. No vértice da cobertura, no mesmo sentido dos pilaretes, encontramos pinhas invertidas. Numa espécie de friso, abaixo da cobertura, são vistos ornatos rendilhados com formas curvas vazadas na madeira, semelhante a uma renda.

O forro é piramidal (a profundidade acompanha a altura da cobertura), em madeira, com tirantes em ferro que se encontram em haste no centro, a qual possui ornato similar à pinha invertida. O beiral possui 70cm, com lambrequim em forma de triângulo na cor branca. A cobertura é feita com finas chapas metálicas formando escamas cor verde musgo. Ao centro, sobre o telhado, o coreto é arrematado por pináculo em madeira, a partir do qual, “saem” ornatos em madeira recortada sobre cada espigão

O coreto é tombado pelo INEPAC desde 1985 e, recebeu intervenção em 2012, assim como toda a praça. O objeto encontra-se em bom estado de conservação e a população faz uso constante do local para o lazer.

3.2. Os coretos gêmeos do Santuário de Nossa Senhora da Penha de França

O Santuário de Nossa Senhora da Penha de França situa-se na zona norte do Rio de Janeiro. O local é famoso pelas escadarias esculpidas diretamente na rocha para chegar à igreja, ponto de peregrinação.

Os coretos gêmeos foram construídos no Largo dos Romeiros em 1923. O objetivo era atender às bandas nas festas de Nossa Senhora. Apesar de terem sido reformados pela Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro em 2013, os mobiliários encontram-se trancados, sem acesso público. Os seguranças responsáveis pela guarda das chaves não se encontravam no Santuário no dia da visita realizada. Tal fato prejudicou a aferição de algumas medidas. O motivo pelo fechamento de bens públicos, segundo membros da paróquia, é o perigo para crianças devido à altura dos coretos.



FIGURA 27- Coretos do Santuário de Nossa Senhora da Penha de França.

Fonte: Savilly Buttros, 2016.

Os coretos encontram-se um de frente para o outro com suas escadas alinhadas. Estes proporcionam vista para o bairro Penha, aos pés da grande escadaria do Santuário. A pavimentação é em concreto, há vasos de planta ao lado dos objetos e árvores ao redor. Possuem planta hexagonal e a medida média de cada face é 3,49 metros. Sua altura total, da base ao pináculo, é de aproximadamente 10,5 metros.

A base é em alvenaria, elevada a 1,83 metros em relação ao nível do solo. A base – porão alto – está revestida com pedras irregulares em forma de mosaico, esta possui leve alargamento em direção ao solo e molduras lineares em estuque em cada vértice e estão pintados na cor branca. Observamos na base três aberturas – janelas – em forma de losango: uma em cada lado da escada e outra na elevação posterior, com 31x35 centímetros. A porta de acesso ao porão alto se situa na elevação lateral esquerda imediatamente após a face frontal, e possui 130x35 cm. O acesso ao coreto é realizado por meio de escada com dez degraus de laterais livres, ou seja, sem guarda-corpo. O piso possui bordas salientes em cornija e o revestimento é em ladrilhos hidráulicos. Os ladrilhos (15x15 centímetros) apresentam quadrados em relevo, criando um mosaico nas cores vermelho e bege.

Há seis pilaretes, um em cada vértice, medindo 1,10 metro, na cor marrom e, sobre estes, ornatos em forma de taça. Existem mais dois pilaretes na fachada frontal para receber a porta de duas folhas com ornamentação similar ao guarda-corpo. O guarda-corpo, de 80 cm de altura, é recortado em madeira à moda de balaústres e pintados na cor bege.

Existem doze pilares, dois em cada face do coreto, pintados na cor marrom. Há também um capitel estilizado na cor bege. Sobre cada pilar, em ambos os lados, observamos ornamentação geométrica – círculo cortado – que receberam pintura na cor bege. No vértice da cobertura, no mesmo sentido dos pilaretes, encontramos pinhas invertidas. Abaixo da cobertura, numa espécie de friso, acham-se ornatos rendilhados com formas geométricas vazadas na madeira.

O forro é piramidal (acompanhando a inclinação do telhado), em madeira, com caneluras e tirantes em ferro que se encontram no centro, o qual possui ornato similar à pinha invertida. O beiral possui 47 cm, com lambrequins em forma de triângulo na cor bege. A cobertura está composta por finas chapas metálicas formando escamas nas cores marrom e bege, criando um efeito “de tabuleiro de xadrez”. O arremate é realizado com pináculo alongado em madeira com esferas na ponta. Há nas laterais do pináculo, sobre cada espigão, ornatos recortado em madeira com linhas curvas.

O Santuário da Penha é tombado pelo município do Rio de Janeiro desde 1990. Entretanto, o decreto não especifica as adjacências do edifício principal (a igreja) e tão pouco os coretos. Apesar do bom estado de conservação, um deles está sendo utilizada como depósito. Os dois objetos passam a maior parte do ano fechados, restritos à visitação.



FIGURA 28- Coretos da Penha antes da intervenção.

Fonte: http://i250.photobucket.com/albums/gg246/Sussudio_2008/18-9.jpg

3.3. O coreto da “Praça Seca”

A Praça Barão da Taquara, no bairro Praça Seca, é parte da região administrativa de Jacarepaguá, zona oeste do Rio de Janeiro. A Praça Seca recebeu o coreto que ficava na Praça 11 de Junho ao final de 1928 durante o processo de ajardinamento, que se estende até princípios de 1929.



FIGURA 29- Coreto da Praça Barão da Taquara, ou "Praça Seca".

Fonte: Savilly Buttros, 2016.

O objeto encontra-se centralizado na praça retangular de pavimentação em concreto. O coreto possui planta hexagonal e a medida média de cada um dos suas faces é 3,45m. Sua altura total, da base ao pináculo, é de aproximadamente 7,70 m.

A base é em alvenaria, elevada a 1,05 metros em relação ao nível de implantação. A base – porão alto – está revestida com pedras irregulares em forma de mosaico, esta possui leve alargamento em direção ao solo e molduras lineares em estuque em cada vértice e estão pintados na cor cinza.

Há seis pilaretes, um em cada vértice, medindo 1,12 metro na cor azul. O guarda-corpo, de 92cm de altura, é preenchido com madeira cortada à moda de balaústres, finalizado na parte inferior com tiras de triângulos em tom azul escuro.

Existem doze pilares, dois em cada face do coreto, que medem 3,31 metros. Nesses pilares há uma espécie de capitel estilizado. Os pilares, os pilaretes e os balaústres são em madeira pintados na cor azul escuro. Sobre cada pilar, em ambos os lados,

observamos ornamentação geométrica – círculo cortado – que receberam pintura na cor azul. No vértice da cobertura, no mesmo sentido dos pilaretes, encontramos pinhas invertidas. Abaixo da cobertura, numa espécie de friso, acham-se ornatos rendilhados com formas geométricas vazadas na madeira.

O forro é piramidal (acompanhando a inclinação do telhado), em madeira, com caneluras e tirantes em ferro que se encontram no centro, o qual possui ornato similar à pinha invertida. O beiral possui 70 centímetros, com lambrequins em forma de triângulo na cor azul. A cobertura é feita com finas chapas metálicas pintadas de marrom avermelhado. O arremate é feito com pináculo em madeira. Há nas laterais do pináculo, sobre cada espigão, ornatos recortado em madeira com linhas curvas.

O coreto foi tombado pelo INEPAC em 1985 e restaurado em 2008. O estado de conservação do objeto é ruim, com dissociação de partes e sujeidade acumulada. O mobiliário é ocupado frequentemente por moradores de rua.

Em foto antiga, observa-se que o coreto da Praça Seca possuía sete degraus em sua escada de acesso. Sua base era mais alongada com estuques na parte inferior. A pavimentação da praça soterrou a base do coreto em intervenções passadas.



FIGURA 30- Foto antiga do Coreto da Praça Seca.

Fonte: http://www.wsc.jor.br/fotos/Galeria3/images/00057_jpg.jpg

4. ANÁLISE COMPARATIVA

As semelhanças do coreto da Praça Cesário Alvim de Ouro Preto com os demais do Rio de Janeiro (detalhados no tópico anterior) faz com que seja necessária uma comparação entre eles. Propõe-se evidenciar as divergências decorrentes das replicações e também as paridades estéticas e construtivas.

Pretende-se assim, revalidar a hipótese de que a inspiração estética do coreto de Ouro Preto advenha do Rio. Consequentemente, propomos que o croqui de encomenda entregue por Tertuliano Lessa - para o coreto de Ouro Preto - tenha sido fortemente inspirado nos coretos cariocas aqui detalhados.

Durante a análise, por vezes, os coretos serão mencionados pelo nome do bairro ou cidade em que se encontram. Nas tabelas comparativas, os coretos do Rio de Janeiro serão dispostos em ordem cronológica, seguidos pelo de Ouro Preto.



FIGURA 31- Coreto de Ouro Preto visto da Estação Ferroviária.

Fonte: Savilly Buttros, 2017.

4.1. Análise formal e construtiva: divergências arquitetônicas e materiais empregados

4.1.1. Dimensões

O coreto de Ouro Preto é o menor entre os cinco, tanto em altura quanto em largura e área. Os coretos gêmeos da Penha são os maiores, de base mais alta e apresentam maior volume. O coreto do Méier, apesar de alcançar maior altura que o coreto da Praça Seca (de menor base), é mais estreito que este, pois a medida das faces de seu hexágono é menor.

Tabela 4- Comparação de dimensões.

Jardim do Méier (1919)	Santuário da Penha (1923)
	
Praça Seca (1928)	Ouro Preto (1925)
	

4.1.2. Base

Todos os coretos analisados possuem base em alvenaria. A base dos coretos da Penha, do Méier e da Praça Seca possuem pedras irregulares encrustadas formando mosaico. Já o coreto de Ouro Preto apresenta incisão sobre a argamassa ainda fresca, para imitar a presença de pedras.

Tabela 5- Comparação de bases.

Jardim do Méier (1919)	Santuário da Penha (1923)
	
Praça Seca (1928)	Ouro Preto (1925)
	

4.1.3. Esquadrias

O coreto da Praça Seca é o único que não possui qualquer tipo de abertura – portas ou janelas – na base que proporciona ventilação do porão alto. A base do coreto do Méier possui cinco janelas, a da Penha quatro e a de Ouro Preto três. As janelas retangulares com grade entrelaçada em metal são vistas no Meier e em Ouro Preto, e são muito similares. Já na Penha, as janelas apresentam formato em losango fechadas com metal em forma de cruz.

As bases mais largas estão nos coretos da Penha e, conseqüentemente, as maiores portas de acesso ao porão. Na sequência estão o Méier e Ouro Preto. Apenas em Ouro Preto a porta é de madeira. Nos outros casos citados o material utilizado foi o metal.

Tabela 6- Comparação de esquadrias.

Jardim do Méier (1919)	Santuário da Penha (1923)
	
Praça Seca (1928)	Ouro Preto (1925)
	

4.1.4. Escada

As escadas de acesso aos coretos da Penha possuem dez degraus de maior medida e as únicas de laterais livres. Por este fato, na Penha os degraus apresentam também maior conforto de acordo com os padrões atuais da construção civil. Os pisos apresentam cerca de 30 centímetros e os espelhos 18 centímetros.

No Méier são oito degraus e na Praça Seca cinco, assim como em Ouro Preto. Apenas em Ouro Preto há marca de pintura nos degraus. Em todos os que possuem as laterais em guarda-corpo, a pintura e o acabamento foram realizados na mesma cor da base.

Tabela 7- Comparação de escadas

Jardim do Méier (1919)	Santuário da Penha (1923)
	
Praça Seca (1928)	Ouro Preto (1925)
	

4.1.5. Piso

Os coretos da Penha são os únicos que possuem piso de ladrilhos hidráulicos. Os outros possuem piso argamassado. No Méier, o piso foi pintado em vermelho, cor não existente em outros elementos do coreto. Na Praça Seca não há pintura de piso. Em Ouro Preto há pintura cinza, cor das partes sobressalentes da base.

Tabela 8- Comparação de pisos.

Jardim do Méier (1919)	Santuário da Penha (1923)
	
Praça Seca (1928)	Ouro Preto (1925)
	

4.1.6. Pilares

Apesar de possuir menores dimensões, o coreto de Ouro Preto apresenta pilares alongados e esbeltos dentro da sua proporção, mais altos que os do Méier e os da Penha. Os pilares da Praça Seca são pouco mais altos que os de Ouro Preto. Os coretos da Penha possuem pilaretes extras para o encaixe das pequenas portas, à frente da escada. Os tons de azul são utilizados para este elemento, com exceção dos coretos da Penha, que têm cor marrom. Os pilaretes do coreto de Ouro Preto possuem formato pentagonal, os do Rio de Janeiro, hexágonos irregulares.

Tabela 9- Comparação de pilares.

Jardim do Méier (1919)	Santuário da Penha (1923)
	
Praça Seca (1928)	Ouro Preto (1925)
	

4.1.7. Portas

Os coretos da Penha são os únicos que possuem, atualmente, portas preservadas após a escada, fechando o coreto. No entanto, todos possuem vestígios de dobradiças nos pilares do vão de acesso. Em fotos antigas, é possível notar tais portas no coreto de Ouro Preto.





Tabela 10- Comparação de vestígios ou portas.

Jardim do Méier (1919)	Santuário da Penha (1923)
	
Praça Seca (1928)	Ouro Preto (1925)
	

4.1.8. Forro

O forro do coreto de Ouro Preto é o único que é plano e não acompanha as águas do telhado. Este possui tabuado de madeira em forma de teia com lampião de iluminação pendurado. Os outros são inclinados e possuem haste central, na qual convergem tirantes em ferro. O forro do coreto do Méier apresenta telas de proteção contra ninhos de pombos.

Tabela 11- Comparação de forros.

Jardim do Méier (1919)	Santuário da Penha (1923)
	
Praça Seca (1928)	Ouro Preto (1925)
	

4.1.9. Cobertura

As coberturas de todos os coretos possuem chapas metálicas. A cobertura do coreto da Penha possui duas cores, marrom e bege, num arranjo “xadrez”, cujas chapas possuem pontas mais retas. No Meier, as escamas são da cor verde-musgo com chapas de pontas curvas. Em Ouro Preto, as escamas também se mostram em chapas de ponta curva em tom marrom avermelhado. Já na Praça Seca, as chapas não são colocadas em forma de escama, mas sim na horizontal, também em tom marrom-avermelhado.

Tabela 12- Comparação de coberturas.

Jardim do Méier (1919)	Santuário da Penha (1923)
	
Praça Seca (1928)	Ouro Preto (1925)
	

4.2. Análise decorativa: elementos compositivos e ornatos

4.2.1. Balaústres

Apenas em Ouro Preto e na Penha os balaústres são pintados em cores diferentes do guarda-corpo: branco e bege, respectivamente. No Méier, na Penha e na Praça Seca, o formato dos balaústres é muito similar. Considera-se que muitas dessas peças são substituições, pois se desprendem com facilidade. O recorte da madeira na Praça Seca possui qualidade inferior ao Méier. Apenas na Penha não há finalização na parte inferior do guarda-corpo com ornamentação em triângulos. Já em Ouro Preto, este ornato se apresenta mais esguio e pontiagudo na parte inferior, atravessando o guarda-corpo na parte de baixo, a fim de se criar um friso triangular.

Tabela 13- Comparação de balaústres.

Jardim do Méier (1919)	Santuário da Penha (1923)
	
Praça Seca (1928)	Ouro Preto (1925)
	

4.2.2. Pinhas

O coreto do Méier não possui pinhas nos pilaretes e nem vestígios de encaixe. Já na Praça Seca, há buracos e pinos, sugerindo que o ornato existia no local e foi dissociado. Os coretos da Penha e o de Ouro Preto ainda preservam esse elemento. Em Minas, a pinha é esférica e com base curta na cor ocre. Na Penha, as pinhas são, na verdade, taças compridas e hexagonais na cor marrom.

Tabela 14- Comparação de pinhas.

Jardim do Méier (1919)	Santuário da Penha (1923)
	
Praça Seca (1928)	Ouro Preto (1925)
	

4.2.3. Ornatos circulares

No Méier e na Praça Seca, os ornatos circulares (acoplados aos pilares) com um 'x' ao centro são bem similares. Estes apresentam a mesma sinuosidade nas bordas. Já na Penha e em Ouro Preto, esses elementos são mais simplificados.

Tabela 15- Comparação de ornatos circulares.

Jardim do Méier (1919)	Santuário da Penha (1923)
	
Praça Seca (1928)	Ouro Preto (1925)
	

4.2.4. Pinhas invertidas

No Méier e na Praça Seca, as pinhas invertidas são quase idênticas. Apresentam formato achatado, sinuosidade, baixos relevos e esfera na ponta. Na Penha, esses ornatos também são sinuosos e possuem frisos, porem são mais compridos e finalizam com uma espécie “gota”. Em Ouro Preto, as pinhas invertidas são mais arredondadas, com partes largas e estreitas contrastantes.

Tabela 16- Comparação de pinhas invertidas.

Jardim do Méier (1919)	Santuário da Penha (1923)
	
Praça Seca (1928)	Ouro Preto (1925)
	

4.2.5. Frisos

Os ornatos superiores, em uma espécie de friso, no Méier e na Praça Seca são quase idênticos. São rendilhados de formas curvas vazadas na madeira, lembrando um arabesco de um muxarabiê. Já na Penha, os rendilhados são mais simplificados e mais regulares, com formas geométricas evidentes. Em Ouro Preto, os ornatos nessa área se diferenciam com sequências de dois círculos concêntricos.

Tabela 17- Comparação de frisos.

Jardim do Méier (1919)	Santuário da Penha (1923)
	
Praça Seca (1928)	Ouro Preto (1925)
	

4.2.6. Ornatos da cobertura

O coreto de Ouro Preto é o único que possui, atualmente, ornatos em forma de coroa, com curvas e contracurvas na extremidade de cada espigão. Todos os objetos da comparação apresentam arremate da cobertura com pináculo. Mais uma vez, o Méier e a Praça Seca apresentam características idênticas, com seus pináculos em madeira em forma de agulha. Em Ouro Preto, o pináculo é semelhante, porém com formas menos arredondadas e com peça de madeira formando um “anel” na base. Na Penha, o pináculo é uma haste fina e comprida com esferas na ponta, cujo material não foi identificado. Os ornatos acoplados ao pináculo, existentes em todos os coretos, são de madeira recortada e vazada no Rio de Janeiro e de metal em Minas Gerais.

Tabela 18- Comparação de ornatos da cobertura.

Jardim do Méier (1919)	Santuário da Penha (1923)
	
Praça Seca (1928)	Ouro Preto (1925)
	

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os cinco coretos comparados neste estudo encontram-se em diferentes estados de conservação. A Carta de Juiz de Fora, a qual aborda os jardins históricos, cita como um dos principais fatores de degradação desses espaços:

- Ausência de educação do cidadão sobre a necessidade de respeito às áreas livres das cidades, guiado sobretudo pelo exemplo da administração municipal que, ao invés de mantê-las cuidadas de forma exemplar, sujeita-as a todas as formas de pressão. (Carta de Juiz de Fora, pp. 6, 2010).

Isto indica que alguns dos fatores condicionantes sobre o estado de conservação das praças são o vínculo com a comunidade e a manutenção por parte do poder público. As praças, locais abertos, estão sujeitas às adversidades ambientais e antrópicas. A espera por um alto nível de degradação para a realização de uma reforma implica em um maior gasto financeiro e na substituição de peças do mobiliário. A substituição acarreta na perda de matéria “original”, testemunho do estilo e da técnica construtiva de uma época. As substituições nem sempre são feitas com peças similares em forma e técnica.

O uso frequente dos jardins e praças é uma forma de pressão ao poder público para a realização de manutenções. É também uma maneira de exercer vigilância, além dos órgãos de proteção como polícias e guardas municipais. O vandalismo de mobiliários urbanos também é um fator de degradação relevante. Os largos, praças e jardins, geralmente espaços amplos, são de grande interesse público. Muitos desses locais são sacrificados em modificações de vias urbanas. Empreendimentos imobiliários em seu entorno também podem deturpar a função do ambiente.

Os coretos, enquanto mobiliários urbanos, estão sujeitos aos fatores de degradação citados. Um agravante é a falta de uso específico para esse elemento. Herança de uma época em que as praças abrigavam frequentes eventos de lazer, muitos coretos persistem em estado de conservação ruim.

O coreto da Praça Cesário Alvim, foco deste estudo, não possui tombamento individual. Este encontra-se incluído no perímetro de tombamento da cidade de Ouro Preto. A praça é pouco utilizada e sua iluminação é precária, fator agravante para a incidência de vandalismos. O uso exclusivamente turístico dos trens na Estação

Ferroviária também pode contribuir para a falta de vínculos da população ouro-pretana com o local. A praça Cesário Alvim não é mais um local usual de chegada à cidade. O coreto, desde a sua última reforma (2010), não recebeu manutenções periódicas.

O coreto do Méier é tombado individualmente pelo INEPAC. Em visitas realizadas, foi notado constante uso do jardim em que se encontra. Seu bom estado de conservação pode estar ligado a este fato. O Jardim do Méier é uma das principais áreas de lazer e convívio do bairro e é frequentada por pessoas de diversas faixas etárias.

Os coretos do Santuário da Penha não são utilizados e nem possuem tombamento individual. O santuário e suas dependências encontram-se em bom estado. Trata-se de um local de atividade religiosa e peregrinação. Os coretos restaurados em 2013 apresentam poucos danos, mas estão sujeitos à maiores degradações por desuso.

Na Praça Seca, observou-se falta de uso dos mobiliários. O coreto tombado pelo INEPAC é frequentemente ocupado por moradores de rua. Dos coretos comparados, é o que apresenta mais danos, principalmente perda de suas peças. Sua última restauração ocorreu em 2008 e não são feitas manutenções.

O tombamento consiste no registro legal e do valor de um bem cultural para a sociedade. O objetivo principal desse ato público é a preservação. Determina-se responsabilidades dos poderes públicos (em instâncias municipais, estaduais e federais) em manter a integridade do bem patrimonial.

A partir dos exemplos mencionados, pode-se entender que a eficácia do tombamento depende da relação social do objeto com a sociedade. O processo de tombamento deve ser aberto à comunidade, como citado na Carta de Amsterdã (1975). A vontade coletiva torna mais provável a ocorrência de manutenções num bem. O uso faz com que o bem precise de manutenções. Por outro lado, o cuidado por parte dos poderes públicos torna o bem mais convidativo ao uso.

De acordo com a bibliografia consultada, não houve indicação de um novo uso para os coretos de forma a não descaracterizá-los. Para preservá-los é importante que estes sejam considerados como locais de contemplação do entorno, como monumentos e também como parte da paisagem cultural urbana.

Os cinco coretos devem ser relacionados entre si por compartilharem os mesmos princípios estéticos e construtivos. Aponta-se a necessidade de prosseguimento da pesquisa com a elaboração de uma análise contextual dos quatro coretos do Rio de Janeiro, bem como os mapas de danos dos cinco coretos. A partir de então, indicar critérios e procedimentos de restauro e medidas de conservação preventiva.

REFERÊNCIAS

- ÁVILA, A. & GONTIJO, J. *Barroco Mineiro* - Glossário de Arquitetura e Ornamentação. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1980.
- BATISTA, N. G. *Banda de música: a alma da comunidade*. São Paulo: Sortecchi, 2010.
- CABRAL, H. B da S. *Ouro Preto*. Belo Horizonte: Não consta, 1969.
- CARVALHO, D. D. de. *Os coretos de Leiria*. Lisboa: INATEL, 2006.
- CARVALHO, D. D. de. *Origem etimológica de CORETO e denominações noutros idiomas*. Lisboa: Meloteca, 2006.
- CASTRO, J. M. G. *Pluviosidade e movimentos de massa nas encostas de Ouro Preto*. 2006. 138 p. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) – Escola de Minas, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2001.
- CHOAY, F. *O urbanismo*. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- DEÁK, C.; SCHIFFER, S. R. (org.) *O processo de urbanização no Brasil*. São Paulo: EdUSP, 1999. p. 169 – 243.
- FRAIHA, Silvia. *Bairros do Rio: Méier e Engenho de Dentro*. Rio de Janeiro: Editora Fraiha, 2004.
- FRAMPTON, K. *História crítica da Arquitetura Moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- GONÇALVES, A. *Cesário Alvim: A saga de um jovem advogado do interior que se tornaria figura destacada no império e prócer da república*. Belo Horizonte: Revista da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais, 2002.
- IEPHA. *Guia dos Bens Tombados*: Belo Horizonte – Praça da Liberdade. 2011. Disponível em: <<http://www.iepha.mg.gov.br/component/content/article/3322-guia-dos-bens-tombados-iephamg/1331-belo-horizonte-praca-da-liberdade>> Acesso em: 14 de Abril de 2017.

INEPAC. *Catorze coretos: processo de tombamento*. Rio de Janeiro: Instituto Estadual do Patrimônio Cultural, 1985.

IPAC, Inventário de Proteção ao Acervo Cultural - Ouro Preto: SMPDU/PMOP/2012, 2012. pp.: 308 a 409.

LEME, M. C. da S.; FERNANDES, A.; GOMES, M. A. F. (org.). *Urbanismo no Brasil 1895-1965*. São Paulo: Studio Nobel/FAU USP/FUPAM, 1999.

LESSA, E. M. M. S. *O Jardim, o coreto e a banda de música: diálogos entre cultura e natureza*. Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho, 2014. pp. 28-38.

LONGOBARDI, A. P. *Chinoiserie: para pôr o mundo em (uma só) ordem*. In: 20º Encontro Nacional da ANPAP, 2011, Rio de Janeiro: Anais do Encontro Nacional da ANPAP (Online), 2011.

OURO PRETO. Arquivo Público Municipal. *Obras públicas: Nomeação e aformoseamento da Praça Cesário Alvim*. Minas Gerais, Ouro Preto, 1925.

RACABULTO, Bruno. *Les kiosques à musique de la Ville de Geneve: Etude historique et architecturale*. Genebra: Ville de Geneve, 2005.

SOARES, E. N (org.). *Largos, coretos e praças de Belém – PA*. Brasília, DF: Iphan / Programa Monumenta, 2009.

<<http://www.meloteca.com/coretos.htm>> Acesso em: 20 de dezembro de 2016.

<<http://www.revista.brasil-europa.eu/128/Jardins-e-coretos.html>> Acesso em: 20 de dezembro de 2016.

<<http://canone.com.br/educacao-musical/106-historia-e-evolucao-das-bandas-de-musica-no-brasil>> Acesso em: 20 de dezembro de 2016.

<<http://www.basilicasantuariopenhario.org.br/>> Acesso em: 26 de dezembro de 2016.

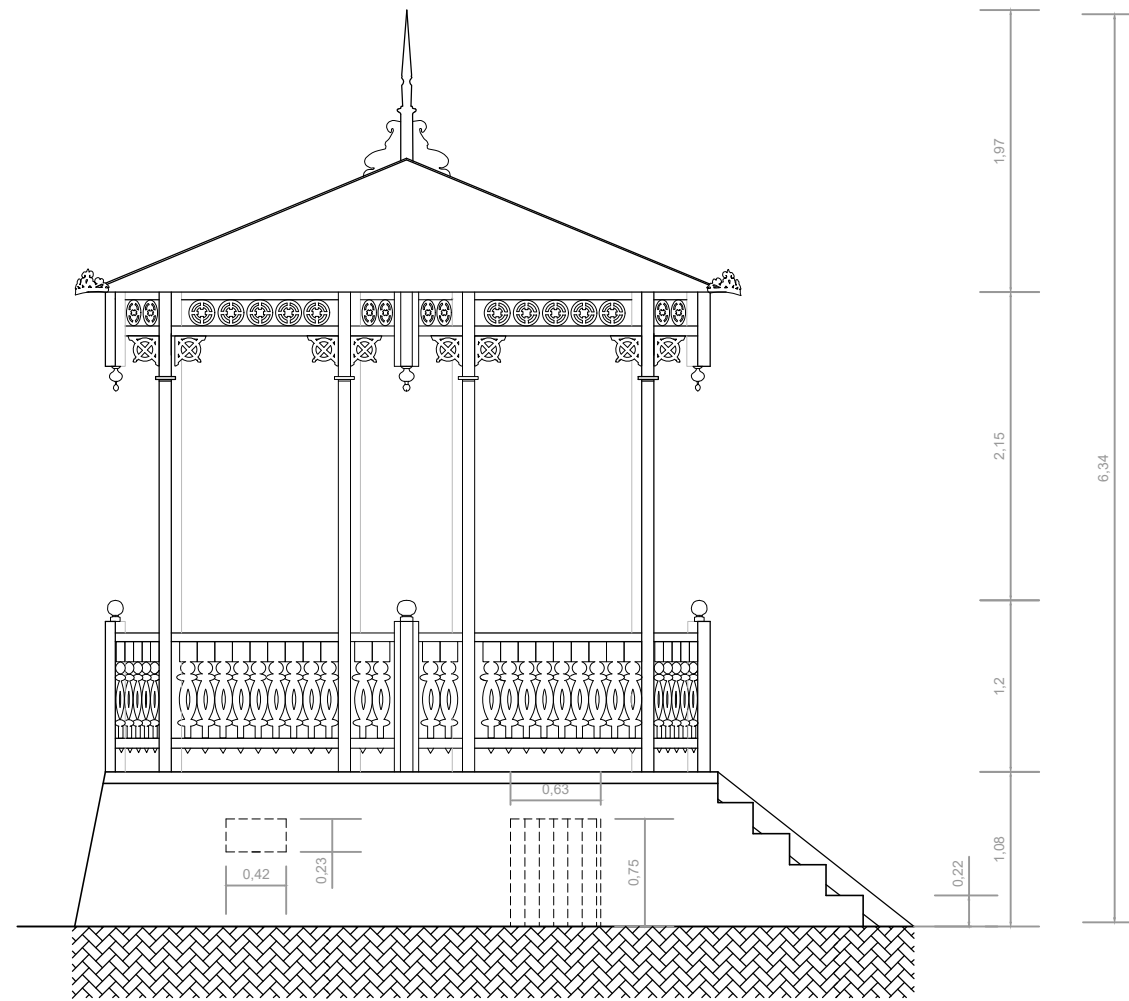
<<http://penhariodejaneiro.blogspot.com.br/2015/04/igreja-da-penha.html>> Acesso em: 26 de dezembro de 2016.

<<http://oglobo.globo.com/rio/bairros/coretos-da-penha-sao-reformados-8907084>> Acesso em: 3 de janeiro de 2017.

<<http://www.patrimoniofluminense.rj.gov.br/patrimonio-cultural/coreto-do-jardim-do-meier-rio-de-janeiro/>> Acesso em: 4 de janeiro de 2017.

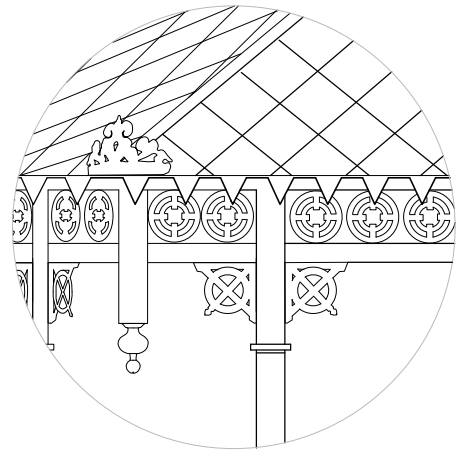
<<http://oglobo.globo.com/rio/os-coretos-historicos-que-ainda-balancam-as-pracas-encantam-os-cariocas-13785535>> Acesso em: 22 de março de 2017.

<<http://oglobo.globo.com/rio/os-coretos-mais-charmosos-do-rio-15988477>> Acesso em 15 de abril de 2017.

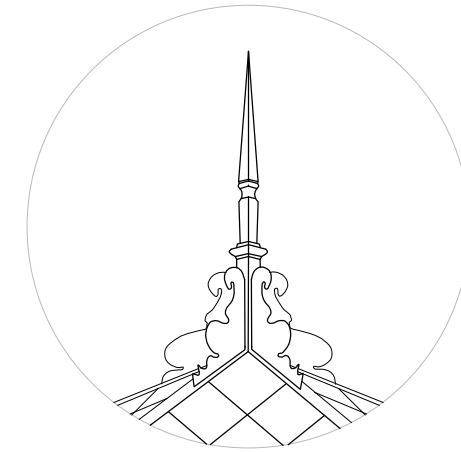


CORTE "AA"
ESCALA 1/50

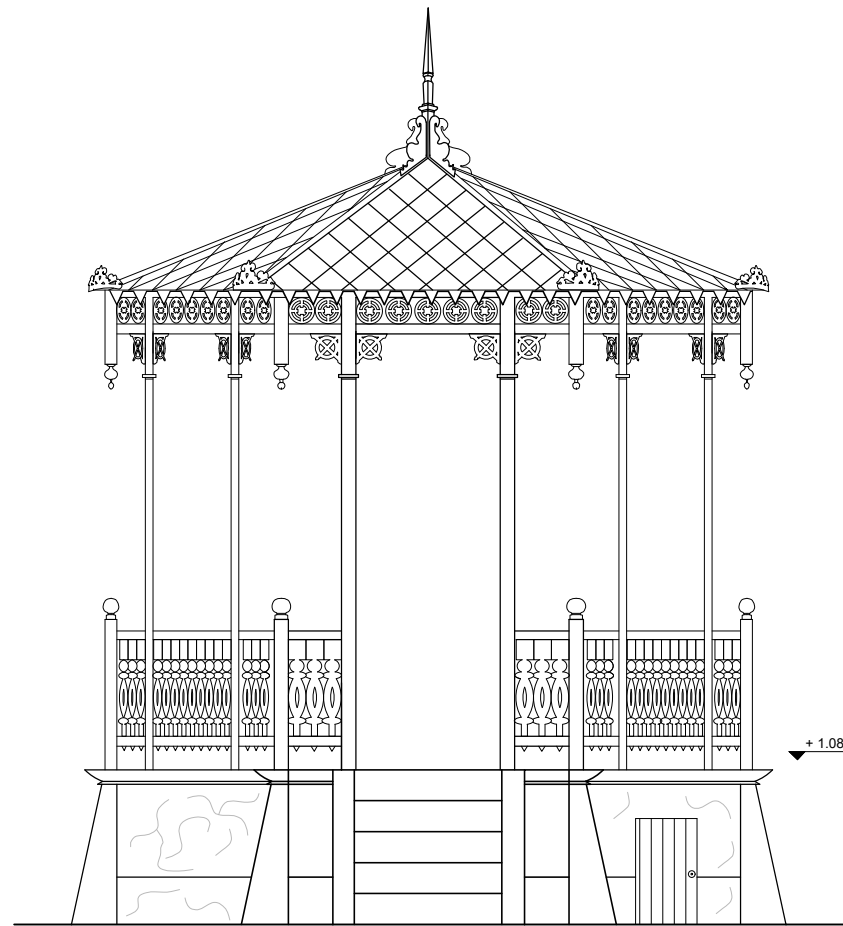
LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO			
Coreto da Praça Cesário Alvim, Ouro Preto - MG.			
REALIZAÇÃO:		TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO	
		INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA MINAS GERAIS Campus Ouro Preto	
TERRENO	Nº DO LOTE	Nº DA QUADRA	BAIRRO
	—	—	Pilar
LOGRADOURO			
Praça Cesário Alvim, s/nº			
ALUNA:			
SAVILLY AIMÉE TEIXEIRA BUTTROS			
PROPRIETÁRIO:			
Prefeitura Municipal de Ouro Preto			
PROJETO	TÍTULO	ZONA	USO
	LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO	ZPE	Público
DETALHE		DATA	FOLHA
CORTE "AA"		ABR/2017	07 / 08



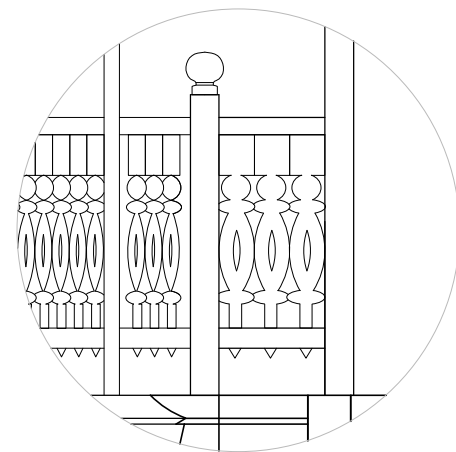
ESCALA 1/25



PINÁCULO
ESCALA 1/25

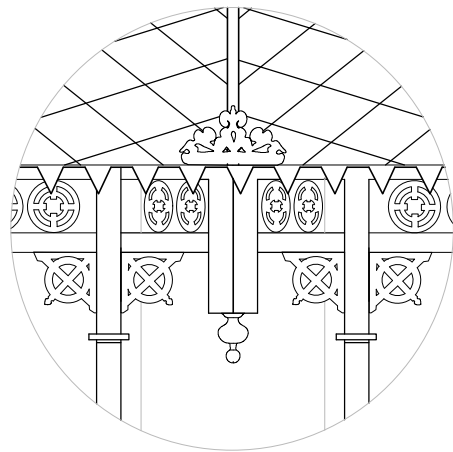


FACHADA FRONTAL
ESCALA 1/50

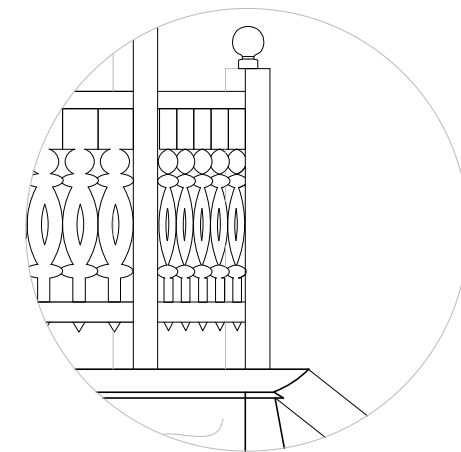


BALAUSTRADA
ESCALA 1/25

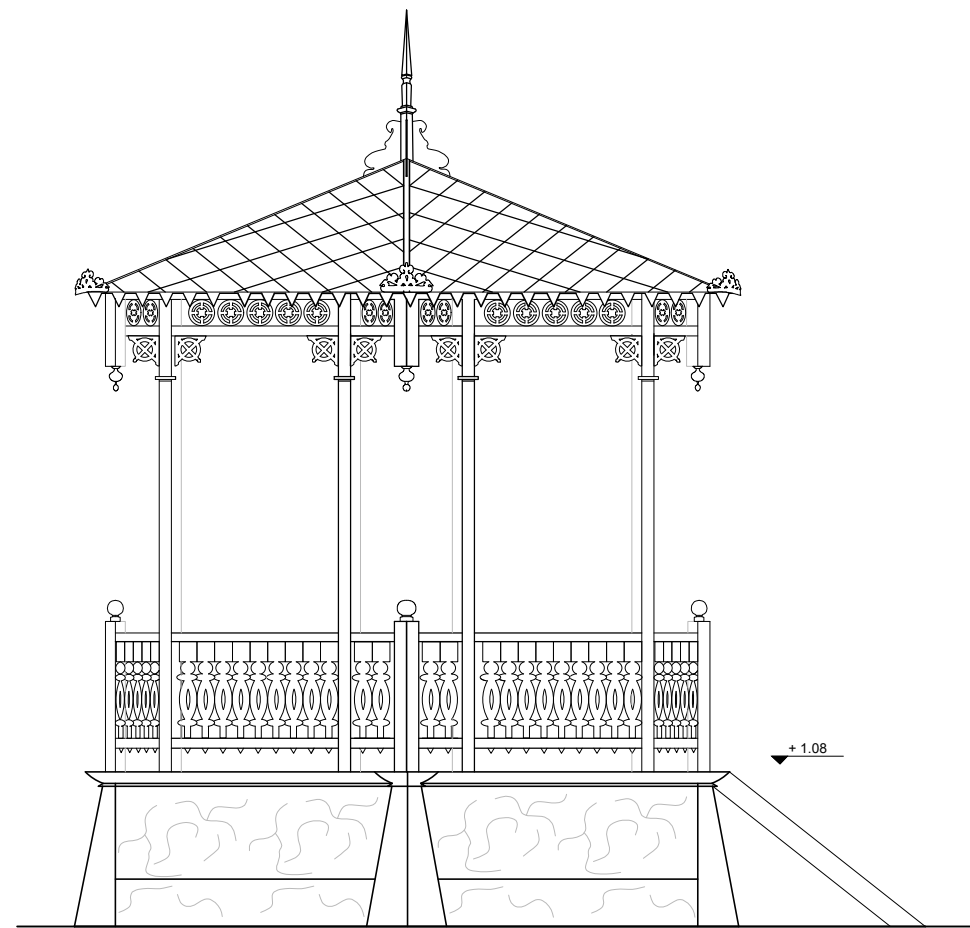
LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO				
Coreto da Praça Cesário Alvim, Ouro Preto - MG.				
REALIZAÇÃO:		TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO		
		INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA MINAS GERAIS Campus Ouro Preto		
TERRENO	Nº DO LOTE	Nº DA QUADRA	BAIRRO	ÁREA
	-	-	Pilar	17,64 m²
LOGRADOURO				
Praça Cesário Alvim, s/nº				
ALUNA:				
SAVILLY AIMÉE TEIXEIRA BUTTROS				
PROPRIETÁRIO:				
Prefeitura Municipal de Ouro Preto				
PROJETO	TÍTULO	ZONA	USO	
	LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO	ZPE	Público	
PROJETO	DETALHE	DATA	FOLHA	
	FACHADA FRONTAL	ABR/2017	03 / 08	



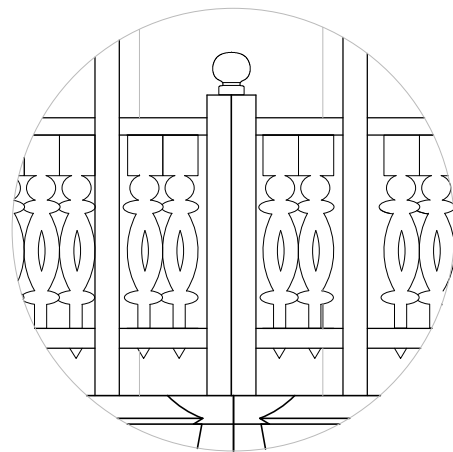
PINHA INVERTIDA
ESCALA 1/25



BALAUSTRADA
ESCALA 1/25

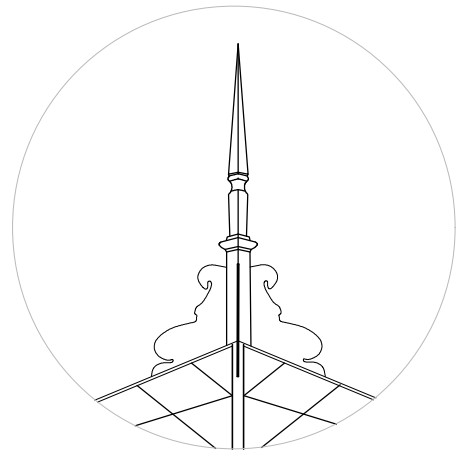


FACHADA LATERAL DIREITA
ESCALA 1/50

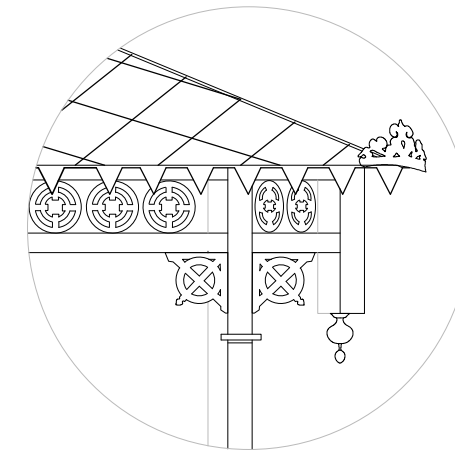


PILARETE
ESCALA 1/25

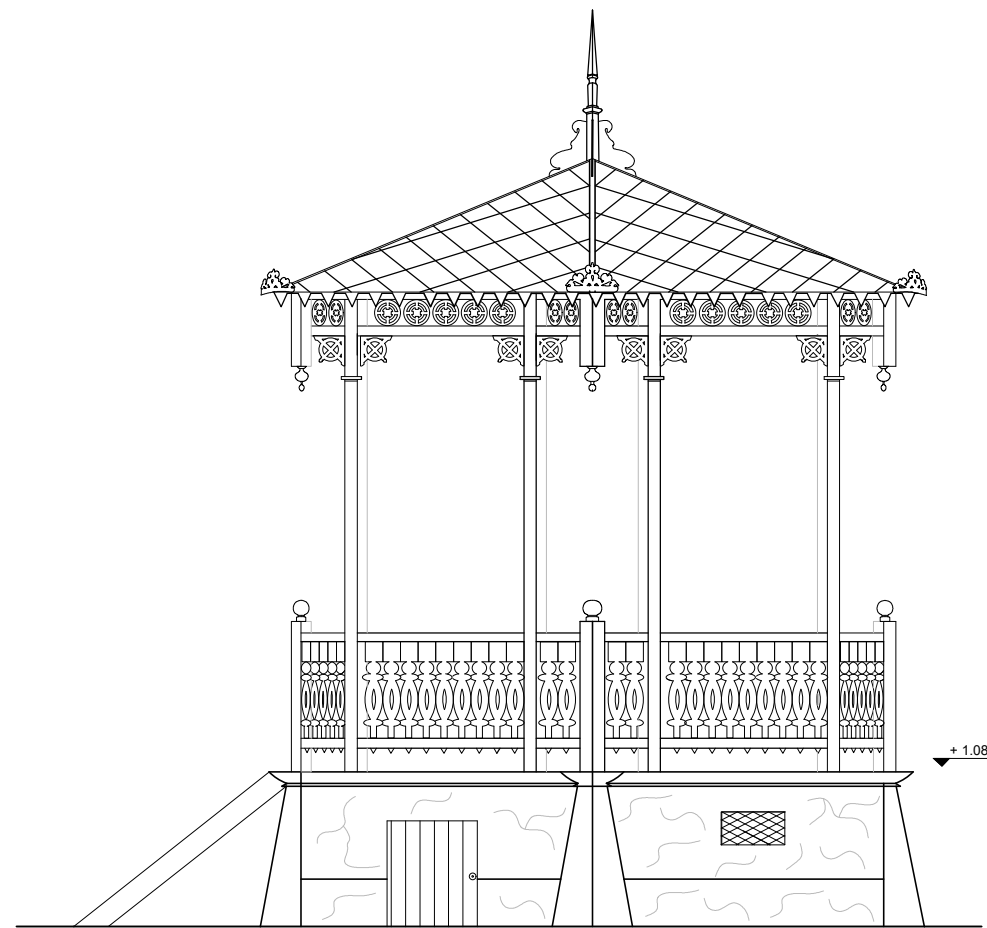
LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO				
Coreto da Praça Cesário Alvim, Ouro Preto - MG.				
REALIZAÇÃO:		TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO		
		INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA MINAS GERAIS Campus Ouro Preto		
TERRENO	Nº DO LOTE	Nº DA QUADRA	BAIRRO	ÁREA
	-	-	Pilar	17,64 m²
LOGRADOURO				
Praça Cesário Alvim, s/nº				
ALUNA:				
SAVILLY AIMÉE TEIXEIRA BUTTROS				
PROPRIETÁRIO:				
Prefeitura Municipal de Ouro Preto				
PROJETO	TÍTULO	ZONA	USO	
	LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO	ZPE	Público	
	DETALHE	DATA	FOLHA	
	FACHADA LATERAL DIREITA	ABR/2017	04 / 08	



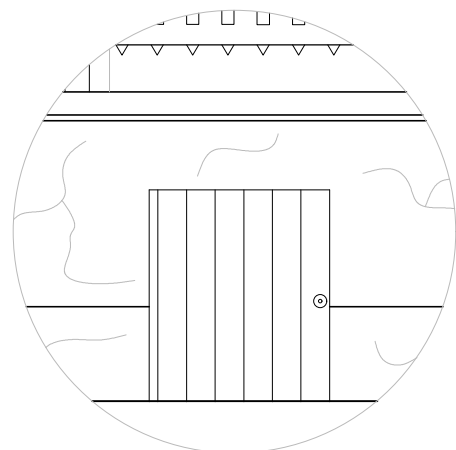
PINÁCULO
ESCALA 1/25



ORNATOS CIRCULARES
ESCALA 1/25

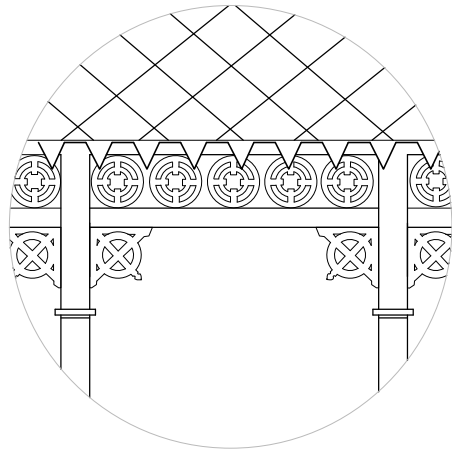


FACHADA LATERAL ESQUERDA
ESCALA 1/50

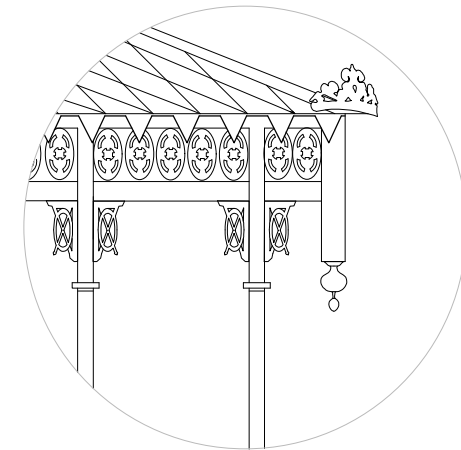


PORTA
ESCALA 1/25

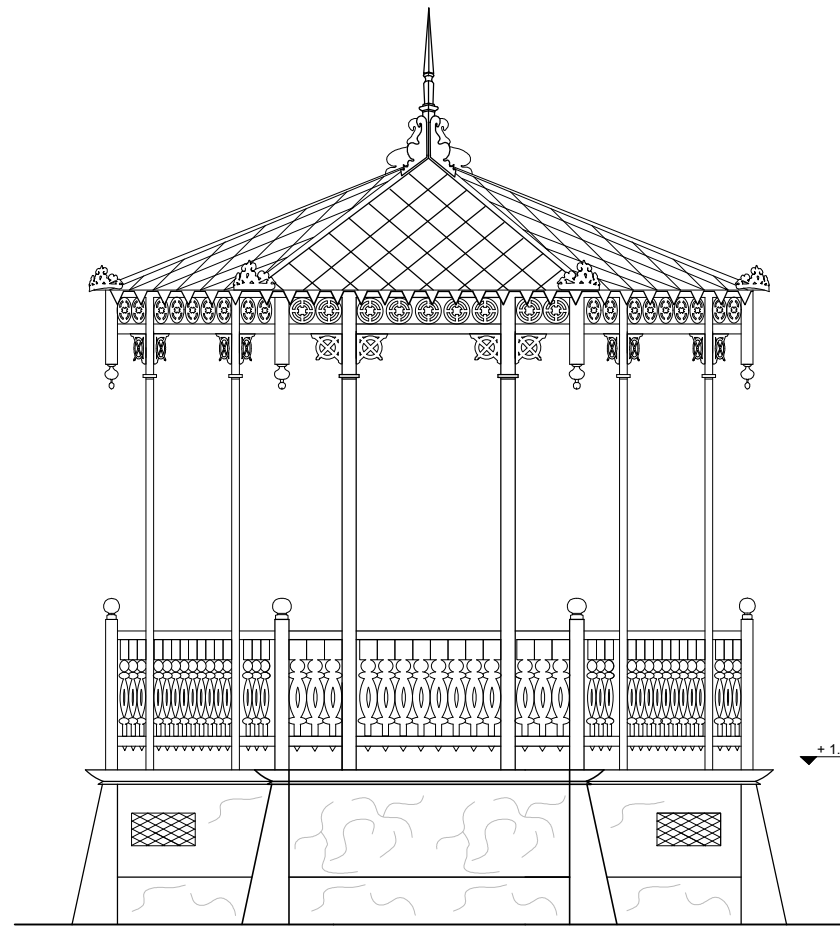
LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO				
Coreto da Praça Cesário Alvim, Ouro Preto - MG.				
REALIZAÇÃO:		TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO		
		INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA MINAS GERAIS Campus Ouro Preto		
TERRENO	Nº DO LOTE	Nº DA QUADRA	BAIRRO	ÁREA
	-	-	Pilar	17,64 m ²
LOGRADOURO				
Praça Cesário Alvim, s/nº				
ALUNA:				
SAVILLY AIMÉE TEIXEIRA BUTTROS				
PROPRIETÁRIO:				
Prefeitura Municipal de Ouro Preto				
PROJETO	TÍTULO	ZONA	USO	
	LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO	ZPE	Público	
DETALHE		DATA	FOLHA	
FACHADA LATERAL ESQUERDA		ABR/2017	06 / 08	



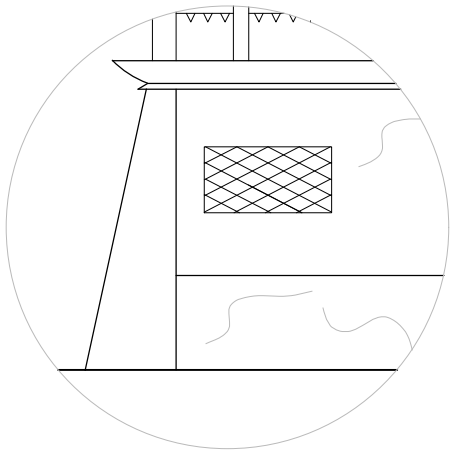
LAMBREQUIM
ESCALA 1/25



FRISOS
ESCALA 1/25

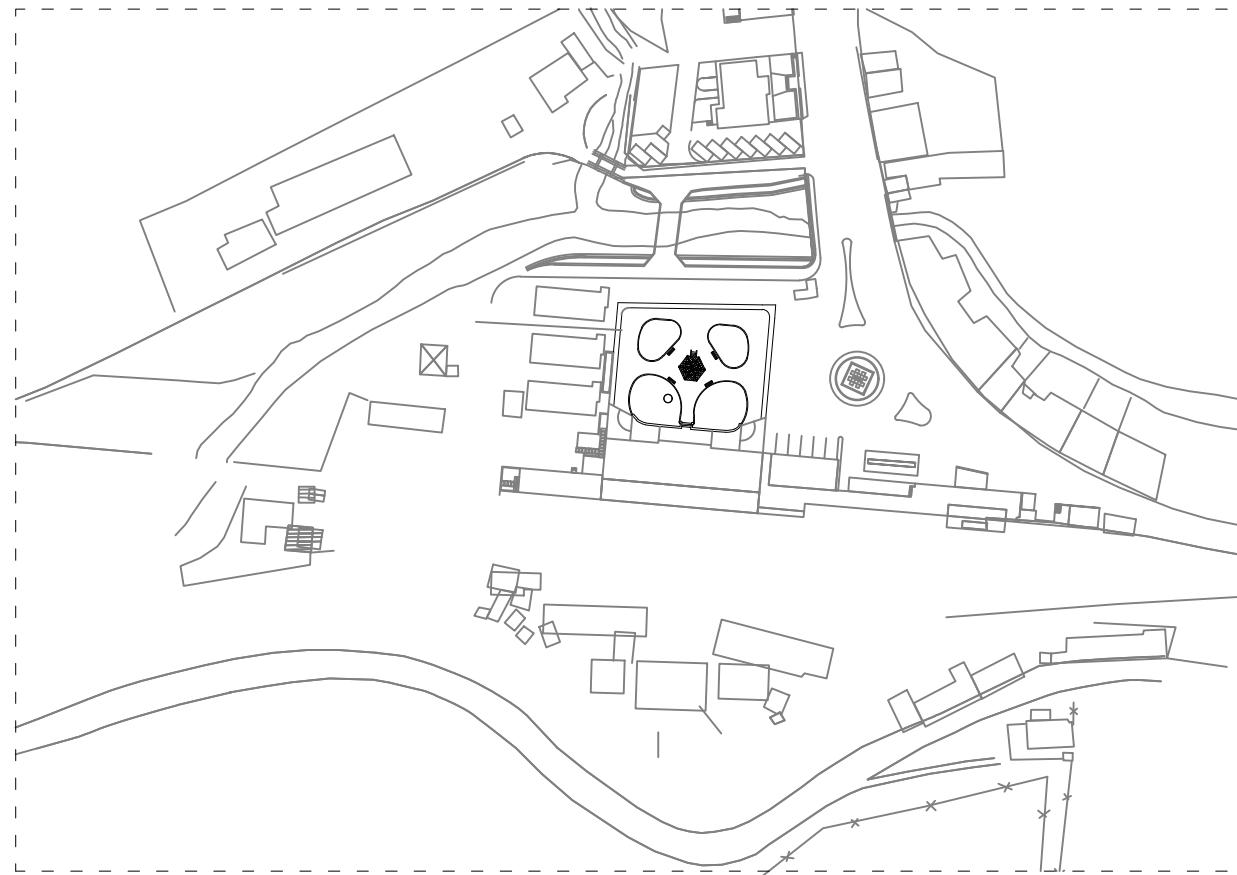


FACHADA POSTERIOR
ESCALA 1/50

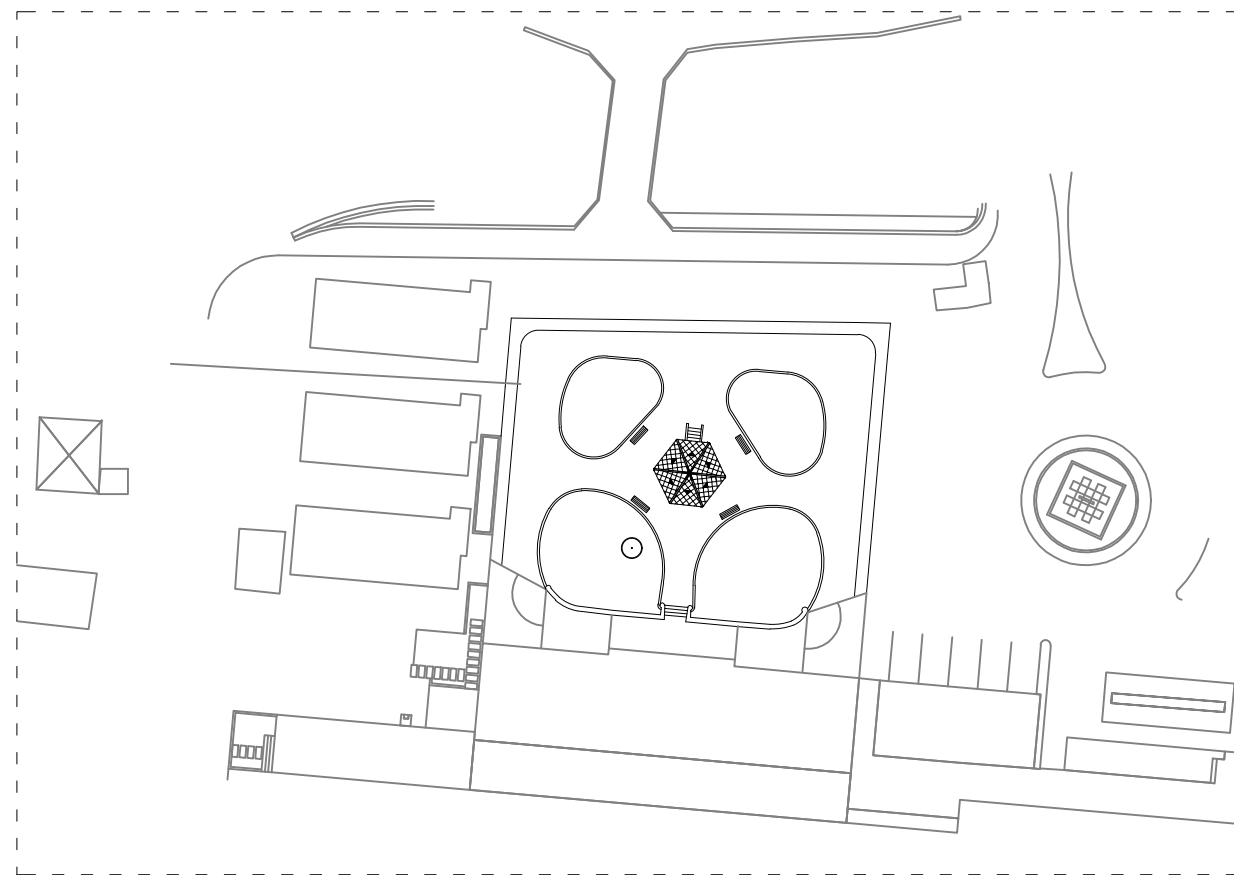


JANELA
ESCALA 1/25

LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO				
Coreto da Praça Cesário Alvim, Ouro Preto - MG.				
REALIZAÇÃO:		TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO		
		INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA MINAS GERAIS Campus Ouro Preto		
TERRENO	Nº DO LOTE	Nº DA QUADRA	BAIRRO	ÁREA
	-	-	Pilar	17,64 m²
LOGRADOURO				
Praça Cesário Alvim, s/nº				
ALUNA:				
SAVILLY AIMÉE TEIXEIRA BUTTROS				
PROPRIETÁRIO:				
Prefeitura Municipal de Ouro Preto				
PROJETO	TÍTULO	ZONA	USO	
	LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO	ZPE	Público	
	DETALHE	DATA	FOLHA	
	FACHADA POSTERIOR	ABR/2017	05 / 08	



PLANTA DE LOCALIZAÇÃO
ESCALA 1/500

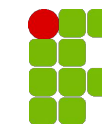


PLANTA DE IMPLANTAÇÃO
ESCALA 1/200

LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO

Coreto da Praça Cesário Alvim, Ouro Preto - MG.

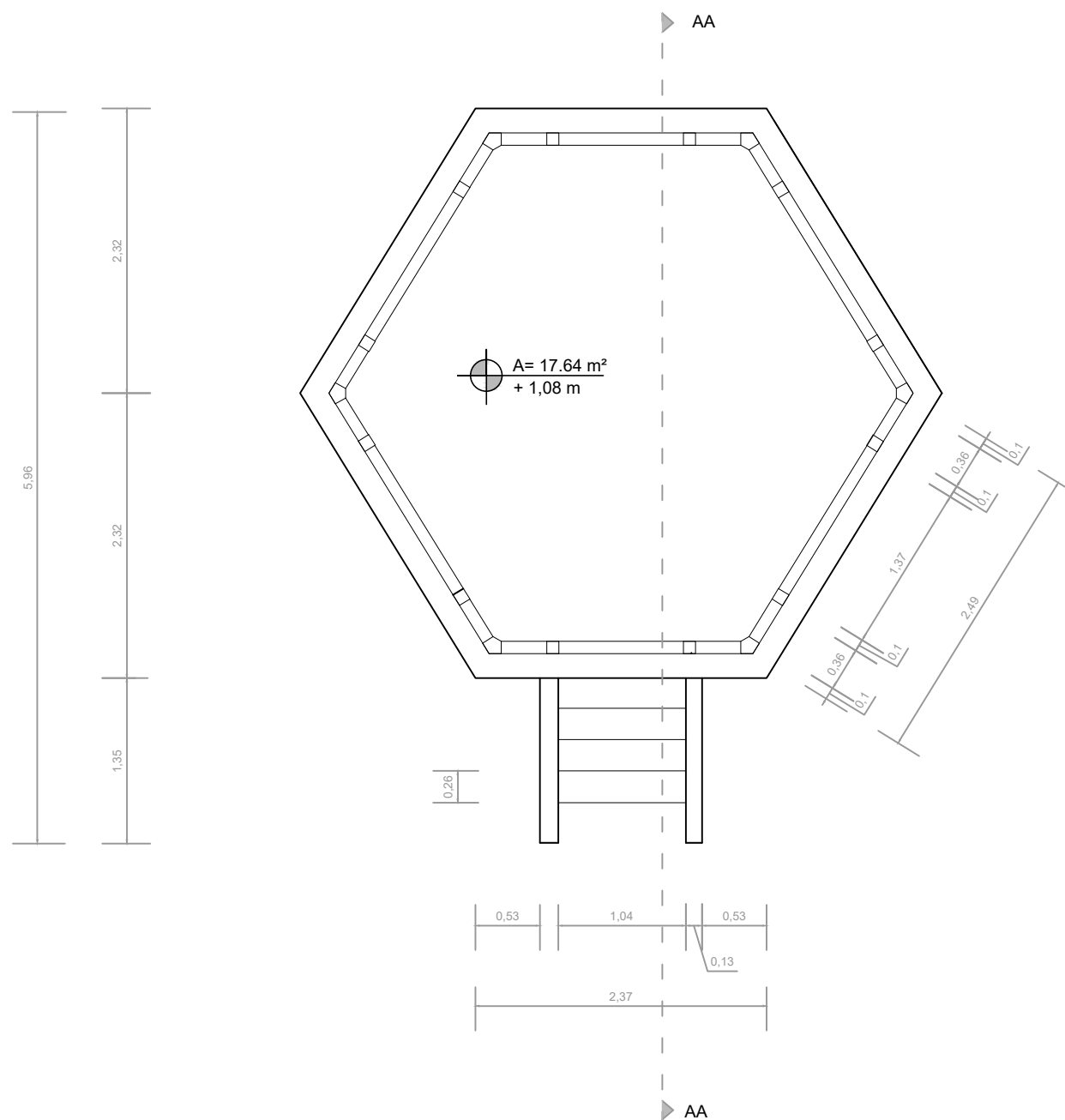
REALIZAÇÃO:



**INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA**
MINAS GERAIS
Campus Ouro Preto

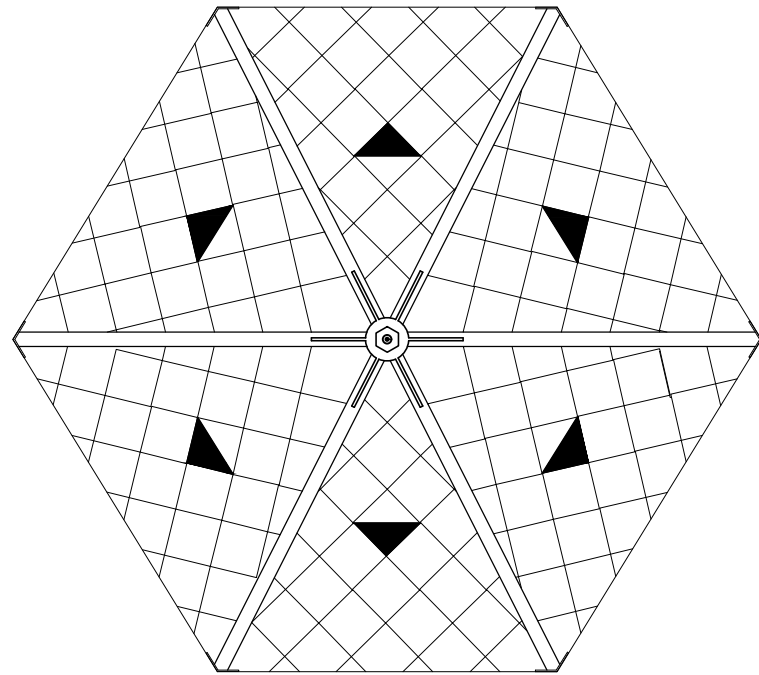
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

TERRENO	Nº DO LOTE	Nº DA QUADRA	BAIRRO	ÁREA
	-	-	Pilar	17,64 m²
LOGRADOURO				
Praça Cesário Alvim, s/nº				
ALUNA:				
SAVILLY AIMÉE TEIXEIRA BUTTROS				
PROPRIETÁRIO:				
Prefeitura Municipal de Ouro Preto				
PROJETO	TÍTULO	ZONA	USO	
	LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO	ZPE	Público	
PROJETO	DETALHE	DATA	FOLHA	
	PLANTAS DE LOCALIZAÇÃO E IMPLANTAÇÃO	ABR/2017	01 / 08	

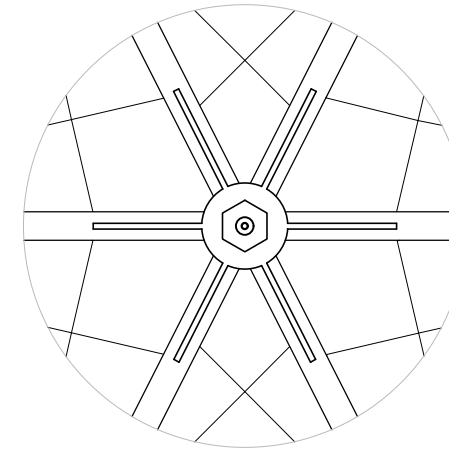


PLANTA BAIXA
ESCALA 1/50

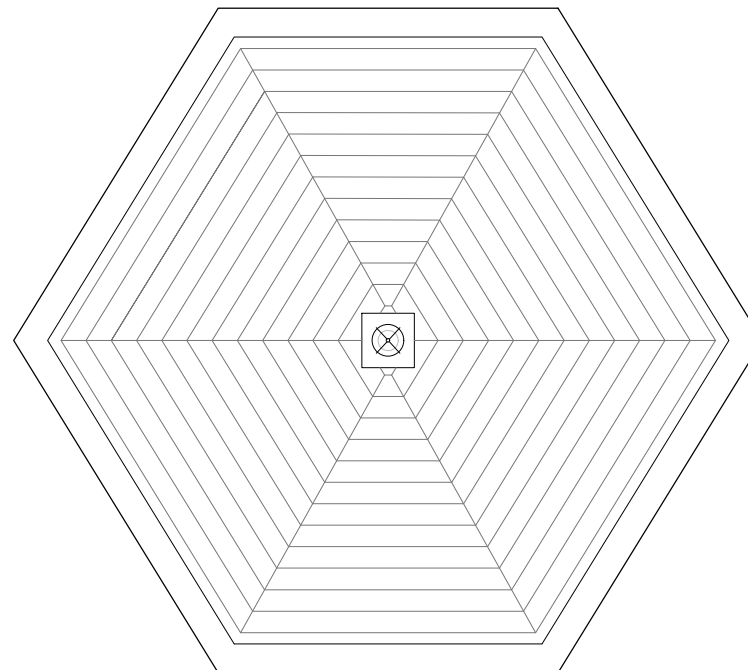
LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO				
Coreto da Praça Cesário Alvim, Ouro Preto - MG.				
REALIZAÇÃO:		TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO		
		INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA MINAS GERAIS Campus Ouro Preto		
TERRENO	Nº DO LOTE	Nº DA QUADRA	BAIRRO	ÁREA
	—	—	Pilar	17,64 m²
LOGRADOURO				
Praça Cesário Alvim, s/nº				
ALUNA:				
SAVILLY AIMÉE TEIXEIRA BUTTROS				
PROPRIETÁRIO:				
Prefeitura Municipal de Ouro Preto				
PROJETO	TÍTULO	ZONA	USO	
	LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO	ZPE	Público	
DETALHE		DATA	FOLHA	
PLANTA BAIXA		ABR/2017	02 / 08	



PLANTA DE COBERTURA
 ESCALA 1/50
 INCLINAÇÃO 45%



PINÁCULO
 ESCALA 1/25



PLANTA DE FORRO
 ESCALA 1/50

LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO				
Coreto da Praça Cesário Alvim, Ouro Preto - MG.				
REALIZAÇÃO:		TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO		
		INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA MINAS GERAIS Campus Ouro Preto		
TERRENO	Nº DO LOTE	Nº DA QUADRA	BAIRRO	ÁREA
	-	-	Pilar	17,64 m²
LOGRADOURO				
Praça Cesário Alvim, s/nº				
ALUNA:				
SAVILLY AIMÉE TEIXEIRA BUTTROS				
PROPRIETÁRIO:				
Prefeitura Municipal de Ouro Preto				
PROJETO	TÍTULO	ZONA	USO	
	LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO	ZPE	Público	
DETALHE		DATA	FOLHA	
PLANTAS DE COBERTURA E FORRO		ABR/2017	08 / 08	